

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 5

Maio de 1915

Ano LXVII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

A PREPARAÇÃO DA INFANTARIA PARA A GUERRA

II

Ligação das armas no combate

A ligação da infantaria com a cavalaria

O emprego das três armas e a sua acção combinada no combate, dependem essencialmente das propriedades características de cada uma delas.

A infantaria é a arma principal. A sua superioridade e preponderancia na guerra proveem duma serie de predicados que as outras não possuem em grau tão elevado.

A sufficiente mobilidade e a grande facilidade de percorrer todos os terrenos para se instalar neles, para os ocupar, tornam a infantaria uma arma ofensiva por excelencia, emquanto que o fogo, que tem aumentado sucessivamente de importancia com os progressos do armamento, lhe dá propriedades defensivas de primeira ordem.

A força principal da cavalaria provem da sua extrema mobilidade.

Como tropa montada é uma arma de choque, que tem um carácter essencialmente ofensivo. As suas propriedades defensivas, porém, são nulas; se pretende guardar e defender uma posição, forçoso é que se apeie para então operar como infantaria.

Sómente a peonagem pôde obter a vitória com os recursos

proprios—ainda que com enormes sacrificios—, pois só ela dispõe dos dois meios característicos de combater: o fogo e a marcha, tendo por epílogo o choque.

Move-se lentamente, é verdade, mas o seu caminhar é, bem se póde dizer, continuo. E, depois, pelo poder do fogo, dá, instantaneamente, ás posições conquistadas uma força de resistência capaz de garantir a sua conservação.

A alternativa constante da marcha e do fogo, dando á infantaria propriedades ofensivas e defensivas que podem ainda ser valorizadas em todos os lugares, asseguram-lhe sobre as outras suas valiosas companheiras na luta um ascendente reconhecido sem contestação e consagrado em todos os exércitos pela superioridade dos efectivos que apresenta em linha de batalha.

A cavalaria, porque vê longe e depressa, ligada á infantaria, supre a fraqueza dos meios de que esta dispõe para se esclarecer. A sua cooperação é de grande utilidade para a peonagem.

«Uma infantaria sem cavalaria marcha ás cegas»¹.

É principalmente nas operações concernentes á segurança e protecção das colunas que a acção da cavalaria se liga intimamente com a da infantaria. No combate o seu auxilio poderá ser-lhe igualmente util e eficaz, se fôr assegurado por um entendimento anterior e uma bôa e completa preparação durante a paz.

a) **Ligação nas marchas**

Como principio, toda a coluna deve possuir uma força de cavalaria, destinada a esclarece-la.

No serviço de segurança em marcha, pode a cavalaria ser ou não a arma principal.

A cavalaria arma principal.—A cavalaria é evidentemente o agente capital nos serviços de exploração e de reconhecimento, sem duvida duma grande importancia na guerra. Neste caso, a missão da infantaria, que bem se pode chamar

¹ GENERAL KESSLER. Tática das três armas. Pag. 5.

infantaria da cavalaria, assim lhe chamam alguns escritores, resume-se em a apoiar e proteger.

Não acompanha aquela arma, mas marchará por estradas convencionadas, ou ocupará pontos previamente estudados e designados, a fim de lhe servir como que de primeira linha, ou de força de socorro, caso seja repelida.

Tendo asseguradas as comunicações e garantida a retirada, poderá assim a cavalaria assumir maior audacia e entregar-se com o maximo ardôr, interesse e despreocupação, á tarefa que lhe houver sido cometida.

Na maioria dos casos, a cavalaria visinha bastará para cumprir uma tal missão. Se se lhe deparar uma resistencia imprevista, um ponto de passagem forçado ocupado pelo adversario, chamará em seu auxilio o apoio, que acudirá sem demora, destruirá o obstaculo, conjurará o perigo, e permitirá á sua cavalaria que continue a marcha e procure, sem dificuldades de maior, conseguir o objectivo.

Mantendo-se intimamente ligadas para se protegerem e auxiliarem, e empregando tanto a infantaria como a cavalaria os meios de que dispõem, sem se embaraçarem mutuamente, concorrerão para o mesmo fim com o maximo de rendimento individual e, conseqüentemente, com o maximo de esforço colectivo.

Cooperando as duas armas em operações desta natureza, é evidente que a direcção superior pertence ao chefe da cavalaria, da qual a infantaria fica então inteiramente dependente.

A cavalaria arma subordinada.— Ligada a uma coluna de infantaria, como o regimento á divisão, o grupo de esquadrões á brigada, o esquadrão ao destacamento mixto e o pelotão a um regimento ou batalhão, a cavalaria fica sendo a arma subordinada. Está ás ordens do comandante da coluna e pode, então, chamar-se *cavalaria da infantaria*.

É o mesmo comandante que indica como deverá ser fraccionada e que decide se toda ela deve fazer parte do destacamento de protecção, ou se deverá tambem ser empregada como cavalaria de segurança.

É êle ainda que, neste caso, indica ao chefe da cavalaria os pontos principais para onde devem ser enviados reconhecimentos, quais as informações que deseja colher a respeito do

inimigo e o local para onde serão mandadas as comunicações, relatórios, etc.¹

O efectivo da cavalaria de segurança e de protecção será também regulado pelo comandante da coluna, em harmonia com a força disponível e as necessidades de momento, devendo sempre atender a que a primeira condição *para garantir a segurança consiste em manter a distancia uma boa exploração.*

Nas colunas que dispõem dum pequeno efectivo de cavalaria, todo ele constitue a cavalaria de protecção, cumprindo-lhe, em tal caso, explorar as principais estradas e caminhos em que o inimigo possa avançar, até uma distancia tal que garanta ao comandante da coluna o tempo necessario para tomar as suas disposições.

Numa *coluna de divisão*, a cavalaria de segurança será geralmente constituida por três esquadrões do regimento divisionario, sendo o quarto esquadrão destinado ao serviço de protecção.

A cavalaria de segurança precede as colunas a uma distancia variavel com o efectivo destas, com a situação e com o terreno.

O grosso da cavalaria de segurança divisionaria não deve, como principio, preceder a guarda avançada a uma distancia superior a meio dia de marcha, isto é 10 a 12 quilometros¹.

A separação da cavalaria, em cavalaria de segurança e de protecção, é inutil quando se marcha protegido por uma importante rede de vigilância estabelecida pela cavalaria das unidades superiores, como corpos de exercito, grupos de divisões,

¹ O chefe da cavalaria de segurança receberá do comandante da coluna ordens e instruções que indiquem: a situação; as intensões do comando; a direcção a seguir e a zona a explorar; a distancia aproximada a que deverá preceder a guarda avançada da coluna ou colunas que cobrir; o estacionamento a realizar no fim de cada etape; os principais reconhecimentos, distribuições e reparações a efectuar; as informações a receber a respeito da região, e as requisições e os locais onde as autoridades deverão reunir os generos requisitados.

Regulamento para o serviço de campanha. 2.ª parte—Cavalaria.

¹ A etape normal para as colunas de divisão é de 24 quilometros; para a artilharia a cavalo e cavalaria, 35 a 40 quilometros; para os comboios 30 quilometros quando carregados e 35 a 40 quando vasilos.

As pequenas colunas de infantaria podem percorrer, durante dias seguidos, 25 a 30 quilometros.

etc.; mas é indispensavel sempre que a divisão, brigada, ou destacamento mixto, se encontra isolado ou num flanco.

Numa coluna isolada, a mór parte da sua cavalaria deve ser lançada na direcção mais perigosa e ameaçada, isto é, para o lado do inimigo, conservando-se uma força minima para garantir a protecção immediata da coluna.

A cavalaria de protecção é repartida, consoante as necessidades da situação, pela *guarda avançada*, *guarda de flanco* ou *guarda da retaguarda*.

Como os principios que fixam o emprego da cavalaria de protecção numa ou outra das três especies de destacamentos de segurança são sempre os mesmos, trataremos especialmente da guarda avançada.

O official superior ou capitão que a comandar não deve arrecear-se de dar ás fracções de cavalaria ordens e instruções muito precisas: itinerario a seguir; distancia média a que deverá marchar o nucleo principal da cavalaria; distancia até onde devem ser explorados os flancos; ligações a assegurar; estradas paralelas a reconhecer e vigiar; e, sendo possivel, pontos de apoio a ocupar, etc.

Tanto na cavalaria como na infantaria, quanto mais claras, precisas e imperativas forem as ordens, tanto mais facil e prontamente se será obedecido. Não deve esquecer-se, em ambas as armas, que é forçoso e indispensavel evitar complicações, melindres e rivalidades, sempre prejudiciais ao fim comum: a vitória.

Tambem é necessario que os seus dirigentes possuam o justo sentimento, ou antes o conhecimento perfeito do esforço que é possivel pedir aos homens e aos cavalos.

* * *

Os destacamentos mixtos, que são organizados, quasi sempre, para desempenharem missões especiais, previamente determinadas, operam, por isso mesmo, em situações perfeitamente definidas, pelo que não teem necessidade de descobrir o inimigo para orientarem os seus movimentos. Não empregam, pois, *cavalaria de descoberta*, mas sim cavalaria de *segurança e de protecção*, ou somente *cavalaria de protecção*.

Nas pequenas colunas, a protecção dos flancos será assegurada por patrulhas da cavalaria da guarda avançada, de efectivo variavel e do comando de sargento ou oficial, as quais occuparão pontos donde possam observar até uma distancia, a partir da coluna, pelo menos igual á sua profundidade.

O comandante do destacamento é que determina o fracionamento da sua cavalaria, devendo a parte principal constituir a cavalaria de segurança, sem deixar de empregar sempre cavalaria de protecção.

Se dispozer dum grupo de dois ou mais esquadrões, destinará geralmente 2 pelotões para protegerem a coluna, constituindo a força restante a cavalaria de segurança. Tendo apenas um esquadrão, todo ele formará a cavalaria de protecção ¹.

O grosso da cavalaria de segurança marcha por lanços, á distancia de 4 a 8 quilometros da guarda avançada do destacamento, se, porem, o seu efectivo fôr de alguns esquadrões e as circunstancias o exigirem, aquella distancia aumentará.

É principio geral *que a ligação da cavalaria de segurança com as forças á retaguarda deve ser tanto mais intima quanto menor fôr o seu efectivo.*

Postos de sinaleiros garantem a segurança das colunas em marcha.

A ligação com a cavalaria de segurança ou de protecção, e entre duas colunas é assegurada *por cavaleiros* e, de preferencia, *por ciclistas.*

Os escalões da guarda avançada, das guardas de flanco, ou da guarda da retaguarda, bem como o grosso de qualquer destes escalões e o da coluna que protegem, devem tambem manter-se em constante ligação que será estabelecida por meio de patrulhas de 2 homens, da retaguarda para a frente, nas marchas para o inimigo, e em sentido contrario, nas marchas em retirada ².

¹ Empregando-se só cavalaria de protecção, esta lançará *patrulhas exploradoras*, do comando de oficial ou sargento, de efectivo variavel, que servirão de cavalaria de segurança. Estas patrulhas podem avançar a distancias tais que garantam ao comando do destacamento o tempo preciso para tomar as convenientes disposições.

² Vejamos como, segundo o nosso Regulamento para o serviço de campanha, *as patrulhas de ligação* devem proceder no desempenho dos seus deveres:

Os escalões suspendem ou recomeçam a marcha, regulando-se pelo que os preceder.

Empregando-se patrulhas de ligação, a marcha da coluna só será interrompida ou recomeçada a um sinal da mesma e não pela simples paragem dela.

Tambem se podem empregar patrulhas de ligação para transmissão das ordens ou informações escritas, não sendo, em caso algum, prejudicado o seu serviço especial².

O comandante da cavalaria de segurança tem tambem por dever garantir a rapidez e certeza das comunicações com o comando da coluna ou colunas que cobrir, conservando-se em permanente ligação com ele.

Garantirá as comunicações empregando *ciclistas* e *ordenanças* e estabelecendo *postos de sinaleiros*.

Resumindo: A ligação dos elementos duma coluna em marcha obtem-se por meio de patrulhas de 2 homens (*patrulhas de ligação*); e a ligação da cavalaria de segurança com a de protecção, assim como a de duas colunas, por meio de *cavaleiros* e, de preferencia, *por ciclistas*.

Quando a ligação entre dois escalões fôr confiada a uma patrulha só, os dois homens marcharão geralmente separados, mas de maneira a poderem avistar-se de vez em quando, e a poderem observar tambem os escalões que ligarem. Empregando-se duas ou mais patrulhas todas procederão de igual forma, sendo o movimento regulado pela que marchar junto do escalão a ligar.

Desejando-se uma ligação continua, o escalão a que fôr confiada a missão de a estabelecer irá destacando tantos homens quantos forem necessarios para garantirem a continuidade da observação em todas as curvas e diferenças de nivel da estrada seguida.

O primeiro homem que marcha junto do escalão a ligar conservar-se ha parado, sempre que, duma curva da estrada ou duma elevação em que se encontrar, aviste o mesmo escalão; avançará depois rapidamente para a curva ou elevação imediata, quando estiver para a perder de vista. Os homens seguintes procederão para com estes da mesma forma.

As patrulhas incorporam-se sucessivamente na unidade a que pertencem, á medida que forem sendo alcançadas por ela.

² Quando uma ordem ou informação tiver de ser comunicada da retaguarda para a frente, o encarregado da transmissão marcha o mais rapidamente possivel até atingir a patrulha ou unidade mais proxima, entregando a ordem ou informação; a patrulha ou unidade fará seguir outro homem que procederá da mesma forma com a patrulha ou unidade que o anteceder. A transmissão da frente para a retaguarda faz-se pela ordem inversa.

Em determinados casos, é vantajoso o emprego de *postos de sinaleiros*.

b) **Ligação no estacionamento**

A segurança das tropas em estação tem especial importância e reclama todo o cuidado, por isso que as colunas estacionadas necessitam de muito mais tempo para se prepararem para o combate do que se forem em marcha.

Os postos avançados teem, como é sabido, uma dupla missão: *informar e resistir*.

As informações são de preferencia obtidas pela cavalaria, e a resistencia é assegurada pela infantaria. Excepcionalmente, quando o terreno fôr muito cortado e coberto, pode dispensar-se a cavalaria¹.

Nos postos avançados, assim como na guarda avançada, guarda da retaguarda, ou guarda de flanco, a cavalaria é subordinada.

A fracção nomeada para um tal serviço fica sob as ordens directas do comandante dos postos avançados, que lhe dará o emprego mais proprio e conveniente ás necessidades da guerra.

A missão da cavalaria dos postos avançados, é aumentar a zona de acção do serviço de reconhecimento e exploração, e fornecer os elementos indispensaveis para garantir a ligação das diversas fracções dos mesmos postos.

Será constituída por toda ou parte da cavalaria do destacamento de protecção que os fornecer.

No estacionamento dos destacamentos mixtos, a cavalaria de segurança, pelo facto de marchar geralmente a pequena distancia da guarda avançada, e por a cavalaria de protecção ser, na maioria dos casos, absorvida pelo serviço de ligação entre as diversas fracções em postos avançados, poderá, toda, ou parte, constituir a *cavalaria dos postos avançados*.

¹ A artilharia só entra na composição dos postos avançados, quando se trate de defender pontos importantes e, em especial, desfiladeiros.

Quando a posição do posto principal dum piquete domine um desfiladeiro, ou a sua posição seja da maxima importancia, será nela estabelecida a fracção de artilharia que fôr julgada necessaria.

O chefe da cavalaria dos postos avançados procede com toda a iniciativa, segundo as ordens e instruções recebidas do comandante dos mesmos postos. Deve manter-se, sempre em comunicação com a infantaria dos postos, sendo responsável por qualquer solução de continuidade no serviço de vigilância, e pela ligação com a cavalaria de segurança, caso esta se encontre ainda na sua frente.

* * *

Em obediência aos preceitos regulamentares, a cavalaria dos postos avançados distribuir-se há assim:

1.º Parte dela deve ser conservada em primeira linha, mesmo durante a noite, para sustentar o contacto com o inimigo, ou garantir a posse de alguns pontos que, pela sua distancia, não possam ser ocupados pela infantaria. Permanecerá na situação que lhe fôr designada pelo comandante dos postos avançados, cobrindo-se com as fracções de cavalaria que estacionam isoladamente. Empregará *patrulhas de exploração* e *postos de observação*;

2.º As fracções que não forem necessarias em primeira linha retirarão para junto dos postos avançados de infantaria, acantonando, sempre que fôr possível, nas localidades proximas;

3.º Parte da força será distribuida pelos piquetes de infantaria, *quando fôr preciso*, para prolongar o serviço de reconhecimento e de observação nas suas respectivas zonas de acção. Destacará *patrulhas de reconhecimento* de maior efectivo e com uma missão mais ampla do que as da infantaria;

4.º Fornecerá igualmente as ordenanças e cavaleiros de ligação, indicados pelo comandante dos postos avançados, não só para junto da reserva, mas tambem dos piquetes de infantaria;

5.º Destacará eventualmente *postos especiais* para ocuparem pontes, gargantas importantes, desfiladeiros, etc., na frente da linha de vigilância.

Se a cavalaria dos postos avançados fôr pouco numerosa, deverá toda ela permanecer junto da infantaria, destacando

então somente postos de observação para pontos forçados de passagem, além da linha de vedetas.

Todas estas disposições serão evidentemente necessárias em campanha, e só deverão deixar de ser empregadas por carencia absoluta de cavalaria, ou em casos muito especiais.

É da maior conveniencia—quando se dispõe de pequeno numero de cavaleiros e há, portanto, necessidade de os poupar, reservando-os para uma vigilancia mais extensa e prolongada—o emprego de pequenos destacamentos mixtos, fixos ou moveis, nos quais os infantes estejam em maioria e os cavaleiros desempenhem apenas o serviço de patrulhas, de flanqueadores e, sobretudo, de agentes de ligação e transmissão de informações.

Foi pondo em pratica este processo que os japoneses, muito inferiores em cavalaria, conseguiram, na Mandchuria, decidida vantagem sobre a numerosa e afamada cavalaria russa, os lendários cossacos.

A ligação entre os diferentes escalões dos postos avançados e entre estes e as forças á retaguarda é garantida *por ciclistas, cavaleiros, postos de sinaleiros e postos telefónicos.*

c) **Ligação no combate**

Não é nosso proposito tratar aqui, com desenvolvimento, do combate de grandes unidades de cavalaria, operando na frente ou nos flancos dos exércitos, a grandes distancias, e cuja acção poderá aliás combinar-se, muito utilmente, com a da infantaria. Não.

Pretendemos estudar principalmente o apoio e auxilio que á infantaria devem as unidades de cavalaria que lhe estão adstrictas e que teem, por isso, de participar imediatamente com ela na luta.

Nos preliminares do combate, uma cavalaria inteligente, ouzada e valente, observa a frente do adversario, procurando delimitar-lhe os flancos; escolhe, ocupa e conserva os pontos de apoio para a sua infantaria; e serve de ligação entre as guardas avançadas, as guardas de flanco e o corpo principal.

Não é demasiado facil de realizar uma tal empresa, mas deve procurar-se cuidadosamente torna-la o menos custosa pôs-

sível, dando a cada patrulha ou destacamento apenas um objectivo simples e perfeitamente definido.

Podemos asseverar, sem temôr de erro, que tal missão está á altura da nossa cavalaria, valorosa como nenhuma outra, se tiver a devida preparação para a guerra, adquirida metódica e persistentemente, durante a paz.

Neste caso, ainda os pequenos grupos mixtos, no genero daqueles cujo emprego preconisámos ao tratarmos do estacionamento, podem — quer-nos parecer — prestar auxilio relevante.

No decorrer da acção, uma cavalaria energica e bem comandada, terá, não oferece controversia, belas ocasiões de intervir e de ser empregada, sobretudo para incomodar e bater massas de infantaria pouco unidas e muito impressionaveis, ás quais falte uma solida disciplina.

«O papel da cavalaria no combate moderno não se restringiu, nem diminuiu de valôr, diz o capitão Neznamou. Contudo, com a complicação dos incidentes das pugnas actuais, *a arma dos Deuses* reclama, para o seu judicioso emprego, uma maestria superior á que se lhe exigia antigamente».

«A duração do combate e o inevitavel esgotamento nervoso que dêle resulta, preparam um largo campo de acção ao cavaleiro ¹».

Ultimamente tambem se procura exaltar — com justificado motivo — a importancia e valor do combate a pé da cavalaria. Tal importancia e valor afirmaram-se, duma maneira positiva, na guerra russo-japonêsa, resultando muito superior ao que geralmente lhe atribuiam os tratadistas que, com mais vivo ardor, interesse e entusiasmo, encarecem nos seus escritos esse meio de que a cavalaria dispõe para submeter o adversario.

Falando dos ensinamentos da campanha de 1905, diz Niéssel: «A guerra actual, provou da maneira mais positiva que a cavalaria apeáda é perfeitamente susceptivel de fazer face, num momento dado, a uma infantaria superior em numero, principalmente se estiver apoiada por artilharia ou metralhadoras ²».

E' evidente que *a carga* não poderá ser, como noutro tempo, uma luzida e vertiginosa cavalgada, disposta e levada á execu-

¹ CAPITÃO NEZNAMOU — *L'expérience de la guerre russo-japonaise*.

² NIÉSEL — *Enseignement tactiques découlant de la guerre russo-japonaise*. Pag. 95.

ção á vista e debaixo do fogo dum adversario intacto e fresco; mas se a cavalaria, da mesma maneira que o caçador espera a presa, souber ser astuciosa, oportuna, paciente na preparação e depois pronta e intrépida em executar, tem no campo de batalha moderno, tão extenso e tão profundo, e com o enervamento atroz que nêle o infante experimenta, pelo menos tantas probabilidades de fortuna como antigamente.

No ataque por surprêsa o numero tem menor importancia do que o efeito moral, donde se induz que a cavalaria deve ter todo o interesse em multiplicar os seus ataques e, por consequencia, em se fraccionar em esquadrões ou grupos que investirão em pontos diversos, de preferencia a permanecer reunida em regimentos e brigadas.

Assim, em vez de procurar bater a cavalaria contrária, deve antes empregar os seus melhores esforços para sustentar a infantaria amiga, incomodando constantemente a do adversario.

E' mister que, como a artilharia, renuncié quanto possivel ao *duelo*, e, como ela, *considere como objectivo principal a infantaria inimiga*.

Como muito judiciosamente estatui o nosso regulamento para o serviço de campanha: «A cavalaria deve aproveitar todas as occasões para prestar um concurso eficaz ás outras tropas e combater a cavalaria adversa, quando o terreno o permita e *isso facilite a rialização do fim prosseguido*».

O que além de tudo se deve conseguir, pois só disso depende a almejada vitória, fim unico de todas as contendidas, *é que a infantaria amiga avance e que a inimiga recue*. Para um tal resultado devem tender todos os esforços dos contendores.

Bem se pode considerar, então, como axiomático que o primeiro dever da cavalaria no combate é operar em ligação com as outras armas para facilitar o triunfo. Seja qual fôr a importancia das suas varias missões nas lutas de hoje, forçoso é que consideremos como de valor a acção que exerce contra as forças principais do adversario.

Na campanha da Mandchuria, em repetidos casos, se proporcionou á cavalaria divisionaria occasião de prestar relevan-

tes serviços á infantaria, não só nos preliminares das refregas como no decorrer dos combates. Sempre que aquela arma teve ensejo de informar os infantes e de lhes preparar o avanço, estes entraram em acção em excellentes condições. Num ataque executado por um regimento de Zaráisk, por exemplo, a 29 de agosto, foram tão proveitosas as informações que lhe forneceu a cavalaria do general Grékou, que o coronel Martinou, que comandava o referido regimento, poudé investir, de flanco, o inimigo, no momento preciso em que se batia com outro destacamento russo, obtendo um admiravel resultado.

122 Será a doutrina exposta perfilhada pela nossa cavalaria?

123 Sem duvida. O seu regulamento tático, inteiramente conforme nesta parte com o regulamento francês, prescreve assim os seus deveres no combate:

124 «A cavalaria não deve deixar escapar as ocasiões que se lhe proporcionem para intervir duma maneira decisiva na luta».

125 «Dividida em grupos de força variavel e oculta ás vistas do inimigo, deve ainda aproveitar todas as ocasiões propicias para intervir no combate das outras armas, utilizando o terreno para se aproximar a coberto e causar surpresa. Deve atacar a infantaria abalada pelo fogo, ou que se mostre, e a artilharia insufficientemente apoiada, ou que se desloque».

126 «Quando a artilharia tiver aberto brecha nas linhas inimigas, a cavalaria penetra nelas em massa para acabar de abrir passagem á sua infantaria e com esta tomar parte no ataque decisivo».

127 Em caso de successo cumpre-lhe ainda perseguir o inimigo, empregando todos os esforços para transformar a retirada em derrota e manter a todo o custo o contacto. Se o adversario fica vitorioso, tem o dever de—com o proprio sacrificio—de ter e demorar a perseguição, garantindo especialmente a segurança dos flancos e fazendo todo o possivel para não perder o contacto. «Deve ter em vista, que todo o sangue que derramar será pouco para pagar a subida honra de salvar o exercito e muitas vezes a Nação dum grande desastre».

128 Que belos exemplos de solidariédade com as suas companheiras no combate e de sacrificio por elas não encontramos nos feitos dos cavaleiros portuguezes, nas campanhas coloniais! . . . Nem em outras, por felicidade, lhes foi permitido,

ultimamente, poderem mostrar a sua destreza e arrojado esforço.

Ainda ha meses apenas, nas planicies de Naulila, um punhado de dragões do planalto de Mossamedes, uma duzia se tanto, valentes como leões e ousados como portugueses, dirigidos pelo intrepido e glorioso tenente Cunha Aragão, carregam, num galopar vertiginoso e macabro, contra os guerreiros germanicos que vieram ao nosso territorio afrontar a altiva bandeira das quinas.

Caminham para o sacrificio, para uma morte certa, com o sorriso nos labios, mas evitam o envolvimento da fraca hoste luzitana e salvam-na, com tão temeraria loucura, dum desastre irreparavel, fatal.

Aragão, é hoje uma figura épica, que deve juntar-se á pleiade refulgente dos herois portugueses, que ilumina com fulgôr deslumbrante a historia militar do nosso País. Ele ficou prisioneiro e a mór parte dos seus bravos companheiros de infortunio perderam a vida naquele dia tristemente memoravel, no entanto, ganharam fama imorredoura, honraram o nobre exército luzitano e colheram novos laureis para a cavalaria portugûesa, com aquela prova sublime de solidariedade das armas no combate.

E, ha ainda quem, numa inconsciencia revoltante, ou antes numa maldade criminosa, ouse pôr em duvida a valentia, o heroismo e abnegação do exército de Portugal e dos seus officiais; quem os acuse de pretenderem furtar-se ao cumprimento dos deveres de honra! . . .

Na guerra sem treguas, cruenta e feroz, que neste momento se fere no centro da Europa, bastantes exemplos se podem colher já da maneira como é compreendida e praticada a solidariedade na cavalaria dos exércitos contendores e como estabelece a ligação com as outras armas ainda nas ocasiões mais solenes. Entre tantos, lembraremos o proceder heroico da cavalaria britanica, num dos momentos mais criticos para os aliados desde o inicio da sangrenta luta, quando da retirada de Mons.

O pequeno exército da orgulhosa Albion, achava-se em campo raso, próximo de Chateau, e a situação era deveras perigosa. Os alemães empregavam todos os esforços para o envolver e aniquilar, e teriam rializado o seu anhélo, se a cava-

laria, na compreensão nitida da sua tão nobre quão improba missão, se não sacrificasse para lhe cobrir os flancos. Assim fez, no cumprimento dum indiciável dever de abnegação, tendo por muitas vezes que carregar a fundo contra um adversario muito superior; mas, ainda que á custa de enormes perdas, conseguia, com esforço não ultrapassado, evitar um irreparavel desastre para os seus.

Cumpriu nobremente tão penosa obrigação, honra lhe seja! . . .

* * *

Não é sufficiente que os regulamentos respectivos reconheçam a necessidade da ligação da infantaria com a cavalaria no combate, e deem mesmo noções mais ou menos desenvolvidas sobre esta materia, o que principalmente se torna indispensavel, é que tais principios — que já em 1905 estavam sendo calorosamente defendidos e applicados na grande maioria dos exércitos europeus — êntrem, duma vez para sempre, no dominio da execução.

E' mister que as tropas montadas, assim como a peonagem, sejam educadas convenientemente, e instruidas na prática da tão falada *ligação das armas*, para que esta não continui, no exército portuguez, inteiramente *nas nuvens*, como até agora tem sucedido.

Infelizmente, os habitos e tradições duma arma podem mais, muitas vezes, do que as prescrições regulamentares. A rotina é sempre muito difficil de vencer. E' talvez por isso que, nas escolas de repetição em que teem tomado parte destacamentos mixtos, os principios expostos pouco ou nada preocuparam os seus dirigentes. Essas escolas, em verdade, não teem passado geralmente de simples exercicios de marcha e de estacionamento.

E depois os infantes tambem não estão educados convenientemente para utilizarem no ataque a cooperação de grupos variados de cavalaria, assim como esses grupos se não acham instruidos para os secundarem oportuna e eficazmente no campo de batalha.

Ha, sem dúvida, nas duas armas falta de idéas nitidas e do saber preciso para conjugarem os seus esforços não só nos

preliminares do combate como nas suas fases decisivas, nas quais, em nossa opinião, á cavalaria é destinado um papel mais activo do que geralmente se presume.

E' tambem verdade que em Portugal se não tratou ainda sequer de estabelecer as regras do emprego da cavalaria em ligação intima com a infantaria na linha de batalha, ao contrario do que succede com a artilharia. Mas nem só no nosso País tão estranha circumstancia é notada. Na França, por exemplo, aonde os generais de artilharia Langlois e Percin foram os verdadeiros apóstolos da ligação da infantaria com a artilharia, estudando-a pormenorizadamente, nenhum general de cavalaria, que nos conste, se deu ao trabalho de estabelecer a formula desta se ligar com a peonagem.

Sem ter a pretensão de indicar, com o possivel desenvolvimento, as regras do emprego da cavalaria em ligação immediata com a infantaria no combate, pois deixo esse cometimento — para o qual me falece a competencia tecnica — aos officiais daquella arma, que os tem por sinal competentissimos e de vasta erudição, vou apenas dar uma sucinta e rapida idéa sobre a maneira de a tornar prática. E, porque ella é menos constante e efectiva do que a da artilharia com a infantaria, não descerei a tantas minucias como serei forçado a fazer depois, quando estudar o mutuo auxilio que estas duas armas se devem nas pugnas da actualidade.

Além de a proteger nos flancos, tanto na offensiva como na defensiva, para lhe garantir a inteira liberdade de acção e a possivel tranquillidade e despreocupação pela segurança propria, a cavalaria coopera no combate, com a gente de pé: conquistando-lhe os pontos de apoio; impedindo ou retardando a marcha do inimigo; desviando de certos pontos o tiro da infantaria contrária; obrigando o adversario a deter-se sob o fogo mortifero das tropas amigas; e, finalmente, abrindo passagem á sua infantaria e tomando parte com ella no ataque decisivo.

Os meios que emprega, são o fogo e o choque, não hesitando em se sacrificar pela sua valiosa companheira de combate. Em tal caso, conforme as circumstancias, evoluciona até a descoberto, ameaça precipitar-se sobre a infantaria inimiga, ou carrega, sem mesmo ter quaisquer probabilidades de triumpho.

Este apoio constante e auxilio eficaz da cavalaria como se obtem a tempo, oportuna e rapidamente?

Por duas maneiras: Estabelecendo a *ligação superior*, e a *ligação inferior* das duas armas.

A *ligação superior* consiste em o comando dar a conhecer aos chefes da infantaria e da cavalaria as suas respectivas missões, as quais depois eles distribuirão, conforme os princípios tacticos, pelos seus subordinados.

A's unidades de cavalaria não devem, em regra, ser designados objectivos topograficos, isto é, zonas de terreno em que devam operar, mas sim missões a desempenhar muito nitidas, precisas e concretas, como por exemplo: apoiar tal brigada, regimento ou batalhão para rializar o ataque decisivo, ou contra ataque, numa determinada direcção; repelir as tropas adversas que efectuem um contra ataque; empregar todos os esforços para sustentar o inimigo a distancia a fim de permitir á sua infantaria que se reconstitua para um retorno ofensivo; atacar a cavalaria contrária que possa aparecer em determinadas direcções, etc., etc.

Parte da cavalaria deverá estar disponivel e preparada, sempre que ser possa, para contrabater a do inimigo.

Para o cabal desempenho daquelas missões, é mister que os dirigentes das tropas montadas se enténdam primeiro que tudo com os chefes das unidades que devem proteger e auxiliar no ataque, ou dos sectores da defesa que estão encarregados de proteger, indo depois tomar as posições convenientes e nas formações mais apropriadas para os objectivos que lhes houverem sido fixados.

Na *ofensiva*, deve o comando superior, depois de indicado o objectivo do ataque da infantaria, designar tambem a cavalaria que deverá auxiliar a peonagem na sua melindrosissima e pesada tarefa. Aos grupos ou esquadrões que não tomam parte na contenda, serão marcadas zonas de observação para ali contrabaterem a cavalaria adversa.

A' medida que a luta se generalizar, cumpre ainda ao mesmo comando ter sempre o chefe da cavalaria ao corrente da situação.

O comandante da cavalaria é que designa as unidades que

se devem incumbir das varias missões superiormente ordenadas.

Na defensiva, serão distribuidas ás unidades de cavalaria zonas de vigilancia, mas não se lhes fixam objectivos determinados.

Irão tomando parte na acção, conforme as circunstancias reclamarem, a fim de protegerem a infantaria, ou baterem os cavaleiros inimigos.

Tais são, em nosso parecer, os principios da ligação superior, ligação que, sendo muito necessaria, não basta.

A harmonia e concordancia dos chefes durante o combate completa-se com a ligação dos executantes, isto é, com a ligação *inferior ou material* das duas armas.

Dá-se a ligação material da infantaria com a cavalaria no cõmbate quando a primeira souber, a todo o momento, o que a segunda, á qual está adstrita, pode ou não pode fazer, e quando por seu lado a cavalaria conheça, instante a instante, as necessidades da sua infantaria.

Para assegurar esta coordenação de interesses e necessidades, é preciso que, tanto quanto possivel, o comandante da cavalaria veja a infantaria que tem de apoiar e proteger. Para isso deve fazê-la acompanhar de agentes seus e empregar ainda todos os meios possiveis para conhecer: a resistencia que pode oferecer, os pontos do terreno onde se abriga e os avanços que se propõe executar, de modo a poder auxilia-la na marcha para o objectivo oportuna e eficazmente, e tambem evitar-lhe qualquer surprêsa da parte do adversario.

A ligação inferior deverá ser principalmente assegurada pela cavalaria, arma auxiliar, por meio dos seus agentes privativos, exploradores e officiaes que permanecerão durante o combate na visinhança da infantaria, geralmente junto dos comandantes dos regimentos ou batalhões em primeira linha¹.

As informações que os agentes de ligação tanto da infantaria como da cavalaria, devam fornecer reciprocamente, e os pedidos a formular, serão transmitidos por *corredores a pé, por estafetas, pelo telefone*, ou por *postos de sinaleiros*.

¹ Os officiaes de cavalaria devem ser instruidos nos métodos de combater e na táctica das outras armas.

Entre os varios agentes de transmissão indicados, alguns ha cujo emprego oferece maiores dificuldades no campo de batalha.

Em pleno combate, debaixo dum fogo sempre perigoso e mortifero, o processo de transmissão de ordens, noticias e informações, mais práctico é, sem dúvida, o assegurado por *postos de infantaria (corredores a pé)* escalonados entre a infantaria e a cavalaria ou artilharia. E' um meio mais seguro, estavel e perfeito do que o telefóne, instrumento fragil, caprichoso e difficil de montar e reparar no caso de qualquer acidente.

Um fio que se parte ou um simples desarranjo no aparelho pode immobilizar durante muitas horas a ligação entre a infantaria e as outras armas.

E' tambem superior ás *estafetas*, que apresentam como principais inconvenientes, serem muito vulneraveis, estarem sujeitas aos accidentes do cavallo e não poderem caminhar por toda a parte.

As bicicletas e automoveis é obvio que não podem utilizar-se senão em casos excecionalissimos, na ligação estabelecida atravez dos campos por montes e vales.

O emprego dos corredores a pé, apesar da sua superioridade sobre o telefóne e as estafetas—visto que o infante não se inutiliza tão facilmente como o telefóne e é menos vulneravel do que a estafeta—é, em todo o caso, um meio de transmissão menos rapido do que qualquer daqueles, mas ainda assim suficientemente veloz para satisfazer ás necessidades duma informação prestada a tempo e horas.

Sem dúvida que o sistema mais seguro, constante e rapido, de informação é o executado por *postos de sinaleiros*, estabelecidos em locais apropriados, e a convenientes distancias, fóra das vistas do adversario e servindo-se de sinais pouco numerosos, simples, compreensiveis e precisos, não exigindo, por consequencia, senão um numero restrito de movimentos.

O tenente coronel *Colligny* no seu interessante trabalho, *Infanterie et artillerie en liaison*, preconisa, para de dia, o emprego de sinais feitos com os braços.

Colocando o sinaleiro os braços horisontais ou verticais consegue-se um sistema semafórico que permite representar todas as letras do alfabeto, prescindindo de discos e bandeiras.

Em conclusão: a linha de comunicações estabelecida entre a infantaria e a cavalaria ou artilharia por *postos de sinaleiros corredores*, parece-nos que deve ser preferível a todas as outras, por apresentar incontestáveis vantagens.

FERREIRA GIL

Coronel de infantaria

O EXERCITO ESPANHOL

Comquanto as interessantes *crónicas* periodicamente publicadas nesta *Revista* nos ponham ao facto dos acontecimentos militares mais importantes ocorridos no país visinho e das modificações sucessivamente introduzidas nas suas instituições militares, não nos habilitam a abranger num rapido golpe de vista e em conjunto a constituição organica do exercito espanhol e as condições provaveis da sua mobilização.

Tal é o motivo por que vimos apresentar aos leitores uma ideia geral e sumaria da organização militar da Espanha, assunto que, no actual momento historico, não deixa de ter, parece-nos, uma certa oportunidade e interesse.

Recrutamento

Segundo a lei de 27 de Fevereiro de 1912, de que deu desenvolvida noticia o ilustre cronista do exercito espanhol no n.º 5, de 1913, desta *Revista*¹, o serviço militar, pessoal e obrigatorio, abrange, no país visinho, um periodo de 18 anos, a partir dos 21 de idade, sendo:

- 3 anos, na 1.ª situação de serviço activo (nas fileiras);
- 5 anos, na 2.ª situação de serviço activo (licença ilimitada);
- 6 anos, na reserva;
- 4 anos, na reserva territorial.

A totalidade dos mancebos julgados aptos para o serviço militar, de entre os recenseados em cada ano, constituem, depois de descontados os destinados á armada, o contingente anual para o exercito, que se divide em dois grupos:

¹ Pode vêr-se a lei na integra no *Diario oficial del Ministerio de la Guerra* de 28 de fevereiro de 1912.

1.º grupo — *encorporados* —: compreende aqueles que foram designados pelo sorteio para prestar serviço nas unidades do exercito permanente;

2.º grupo — *de instrução* —: compreende aqueles que, por excederem o efectivo orçamental, não são encorporados, mas deverão receber uma reduzida instrução militar em determinadas unidades e épocas, durante o 1.º ano de alistamento, devendo assistir nos dois anos restantes aos exercicios e manobras dos corpos.

O *effectivo permanente* decretado para o exercito é completado, em cada ano:

a) pelos encorporados em anos anteriores que, tendo menos de 30 anos de idade, desejem continuar ou voltar ao serviço das fileiras (*readmitidos*);

b) pelos que, tendo 18 a 21 anos de idade, desejem antecipar o alistamento (*voluntarios*);

c) pelos que, tendo pertencido ao 2.º grupo (*de instrução*) de contingentes anteriores e tendo menos de 30 anos, desejem encorporar-se nas fileiras;

d) pelos mancebos incluídos no 1.º grupo do contingente anual, cujo numero e distribuição são fixados por decreto no dia 1 de Outubro.

A admissão de voluntarios (com 18 a 30 anos de idade mediante determinadas condições, desde os 14 anos quando filhos de officiais ou quando se destinem a corneteiros ou clarins, etc.) é sempre autorizada e produz o licenciamento, por antiguidade, de igual numero de praças do 1.º grupo do contingente, para não aumentar os effectivos orçamentais.

Os *effectivos de guerra* das unidades¹ são depois completados com os mancebos do 2.º grupo do contingente que para esse efeito lhes são distribuídos por meio de relações nominais e se apresentarão quando expressamente convocados.

Tanto as praças encorporadas (1.º grupo) como as do 2.º grupo do contingente, permanecem normalmente nas unidades a que são destinadas durante os 3 anos da 1.ª situação de serviço activo, podendo as primeiras obter licenças temporarias (bi, tri ou quadrimetraes) a partir do 2.º ano e permanecendo as segundas nas fileiras apenas o tempo indispensavel

¹ V. «Crónica do exercito espanhol» — *Revista Militar* n.º 10 de 1913.

para receber a instrução reduzida determinada por lei, sendo considerados de *licença ilimitada* durante o resto dos três anos.

Igual licença pode também ser concedida, por tempo indefinido, ás praças encorporadas, durante o seu 3.^o ano de serviço.

Os excedentes do 2.^o grupo do contingente, depois de completados os efectivos de guerra, e as praças que, provindo do 1.^o ou do 2.^o grupo, tenham completado os 3 anos da 1.^a situação activa e passem á 2.^a situação, constituem os *depositos* das unidades, destinados a cobrir as suas baixas e a constituir novos nucleos quando necessarios; encorporam-se, portanto, durante a 2.^a situação activa, nos 3.^{os} batalhões (os dos regimentos de infantaria) ou nos esquadrões, baterias ou companhias *de deposito* (os das outras unidades).

O territorio do reino, na Peninsula, dividido em 8 Regiões militares, é também repartido, para o efeito especial do recrutamento, em 116 *circunscrições*, agrupadas em 54 *zonas de recrutamento*. Ha mais 5 zonas nas Baleares e 8 nas Canarias, onde são recrutados geralmente os mancebos destinados ás unidades da guarnição dos respectivos arquipelagos.

Cada *circunscrição* de recrutamento compreende um *deposito de recrutas (caja de reclutas)* e um *batalhão de reserva* (em quadro).

Aos depositos de recrutas pertencem todos os mancebos sorteados, não excluidos do serviço ou declarados desertores, permanecendo em suas casas, normalmente menos de um ano, até serem encorporados ou inscritos nas unidades, na 1.^a situação activa.

Com os exceptuados do serviço nas fileiras, depois do 3.^o ano de alistamento, constituem-se outros *depositos*, em cada zona de recrutamento, nos quais esses individuos terminam, de ordinario, o seu tempo de serviço, se bem que, em caso de guerra, possam ser chamados ás fileiras, para o que são obrigados a adquirir a instrução militar indispensavel ¹.

¹ Dificuldades economicas, ao que parece, teem impedido, até agora, de ministrar instrução militar aos homens não encorporados nas fileiras. Só no corrente ano resolveu o governo espanhol fazer cumprir a disposição da lei do recrutamento que manda encorporar durante um curto praso a segunda parte

Segundo Mata e Fornells² «cada um dos regimentos activos de infantaria (ou com um batalhão de caçadores) do exercito permanente na Península, tem designada, na Região que guarnece, uma zona de recrutamento de onde recebe os seus recrutas; cada regimento de reserva de cavalaria corresponde, por via de regra, a quatro zonas determinadas e a dois regimentos activos que nelas recrutam; as unidades das restantes armas e serviços recrutam a sua força indistintamente em todas as zonas da Península». Donde resulta que o recrutamento assume, para a maioria do exercito, o caracter regional, embora não taxativamente expresso na lei.

Como complemento, ou melhor, como base indispensavel do serviço militar reduzido que a lei prevê em determinadas condições de instrução dos mancebos encorporados, procura-se dar um largo desenvolvimento á instrução militar preparatoria, criando um grande numero de *escolas militares*, officiais, anexas ás unidades, e facilitando a organização de outras particulares, da iniciativa da patriotica sociedade do *Tiro Nacional*, segundo as *instruções* publicadas em setembro de 1912¹.

Organização geral do exercito

Compete ao rei o comando de todas as forças militares de terra e mar e ao ministro da guerra a administração e direcção superior do exercito.

Uma Junta Nacional de defesa, de que fazem parte o chefe do governo, os ministros da guerra e marinha, o sub-secretario da guerra e o chefe do estado maior central da armada, trata de todos os assuntos relativos á preparação da guerra, armamentos e combinação de forças militares de terra e mar.

do contingente anual, para receber uma instrução reduzida, facto que causou estranheza na opinião publica e um certo alarme entre os que mais ciosamente desejam que se mantenha a neutralidade do país perante a actual conflagração europeia.

² *Organización militar de España y algunas potencias extranjerias* — 1912 (livro adoptado na Escola Superior de Guerra e em varias academias militares espanholas).

¹ *Diario oficial del Ministerio de la Guerra* de 29 de setembro de 1912. V. noticia na *Crónica* do n.º 5 de 1913 desta *Revista*.

O exercito comprehende: o estado maior general (quadro dos generais), o corpo do estado maior, as armas de infantaria, cavalaria e artilharia; os corpos de engenheiros, guarda civil, carabineiros, esquadra de Barcelona e invalidos; os corpos auxiliares: juridico, de intendencia, de intervenção (fiscalização e contabilidade), de saude militar, do trem, eclesiastico, veterinario e de equitação; e o pessoal de outros diversos serviços tecnicos, sem contar com o *corpo de alabardeiros* e o esquadrão da *escolta real*, expressamente destinados ao serviço da casa real.

O territorio espanhol na Peninsula é dividido em 8 *regiões militares* cujas capitánias gerais tem as seguintes sédes:

- 1.^a Região (Castéla Nova) — Madrid.
- 2.^a » (Andaluzia) — Sevilha.
- 3.^a » (Valencia) — Valencia.
- 4.^a » (Catalunha) — Barcelona.
- 5.^a » (Aragão) — Saragoça.
- 6.^a » (Norte) — Burgos.
- 7.^a » (Castela Velha) — Valladolid.
- 8.^a » (Galiza) — Corunha.

Ha, alem disso, as capitánias gerais das Baleares e das Canarias e os comandos gerais de Melilla, Ceuta e Larache.

Cada uma das 8 *regiões militares* da Peninsula é comandada por um tenente-general que toma o titulo de *capitão-general* da região, tendo por auxiliar, com o caracter de segundo chefe, o general sub-inspector das tropas, reservas e zonas de recrutamento da região, o qual, em caso de mobilização e saída das respectivas divisões organicas, fica encarregado do comando do territorio e das tropas da reserva e activas que se destinem a guarnece-lo.

A' frente dos distritos militares das Baleares e Canarias ha, um tenente general, com um 2.^o chefe, general de divisão.

Os comandos gerais de Melilla e Ceuta são exercidos por generais de divisão, o de Larache por um general de brigada.

A cada uma das Regiões militares da Peninsula correspondem duas divisões activas, com excepção das 7.^a e 8.^a Regiões,

a cada uma das quais corresponde apenas uma divisão, dispondo portanto, o exercito activo de 14 divisões.

Cada divisão é normalmente constituída, em tempo de paz, por:

- 2 brigadas de infantaria, ¹ a 2 regimentos;
- 1 regimento de caçadores a cavalo;
- 1 regimento de artilharia montada ou de montanha ²;
- 1 companhia de intendencia;
- 1 secção de tropas de saude.

Como *tropas não endivizionadas* em tempo de paz, compreende o exercito activo, na Peninsula:

- 2 brigadas de caçadores, ³ a 6 batalhões;
- 8 grupos de metralhadoras, ⁴ a 2 secções;
- 1 divisão de cavalaria, a 2 brigadas de 2 regimentos;
- 3 brigadas de cavalaria, independentes: duas a 2 regimentos e uma a 3 regimentos;
- 2 regimentos de cavalaria, independentes;
- 1 regimento de artilharia montada;
- 1 regimento de artilharia a cavalo ⁵;
- 1 regimento de artilharia de sitio;
- 4 regimentos de sapadores-mineiros, a 2 batalhões ⁶;
- 1 regimento de telegrafos, a 6 companhias activas;
- 1 regimento de pontoneiros, a 4 companhias activas;
- 1 regimento de caminhos de ferro, a 8 companhias activas;
- 1 secção ciclista de engenharia;
- 1 companhia de aerostação;

¹ A 14.^a Divisão, unica que tinha 3 brigadas, tem hoje duas, como todas as outras, porque passou a fazer parte do comando geral de Melilla, permanentemente, a brigada constituída pelos regimentos de S. Fernando (11) e Cериñola (42).

² São de montanha os regimentos de artilharia das 7.^a, 11.^a e 14.^a Divisões.

³ As brigadas (2.^a e 3.^a) estão adstritas ás II e IV Regiões, achando-se actualmente a 2.^a destacada em Melilla. A 1.^a faz hoje parte das guarnições de Ceuta e Larache.

⁴ O *grupo* tem 4 metralhadoras, correspondendo, portanto, á nossa *bateria*.

⁵ Adstrito á divisão de cavalaria.

⁶ Nenhunas das tropas de engenharia estão afectas, no tempo de paz, ás divisões organizadas.

1 brigada topografica, a 2 companhias;
4 secções de automobilistas.

Resumindo: as *grandes unidades* do exercito activo, organizadas em tempo de paz são: 14 divisões de infantaria e uma de cavalaria. Cada uma das primeiras dispõe de: 8 batalhões, 4 esquadrões e 6 baterias montadas (24 peças) ou 4 baterias de montanha (16 peças); a divisão de cavalaria dispõe de 16 esq. e 24 peças, fóra os serviços auxiliares correspondentes.

Organização das diversas armas e serviços

Na Península, a *infantaria* compreende 56 regimentos *de linha*, a 3 batalhões de 4 companhias (o 3.^o batalhão em quadro, como deposito), cada companhia a 3 secções; 12 batalhões de *caçadores* (6 dos quais se encontram actualmente destacados em Melilla) a 4 companhias e uma de deposito (em quadro) sob o comando de um tenente-coronel, agrupados em duas *brigadas*, subdivididas em *meias brigadas* comandadas por coroneis; e 7 *grupos* de 4 metralhadoras (Maxim ou Hotchiss) subdivididos em 2 secções e comandados por capitães.

Nos 8 regimentos de infantaria das divisões reforçadas (1.^a e 4.^a) e nos 6 batalhões de caçadores da 1.^a brigada (guarnição de Melilla) existem *secções de explosivos* (1 subalterno e 19 homens) cuja missão consiste no emprego de petardos e artificios nos usos militares.

A *cavalaria* conta, na Península, 26 regimentos, sendo: 13 divisionarios (*caçadores a cavalo*); 4 da divisão de cavalaria (2 de *lanceiros* e 2 de *hussares*); 2 de *lanceiros*, constituindo a 1.^a brigada, independente; 3 de *dragões*, 2.^a brigada; outros 2 de *lanceiros*, 3.^a brigada; e ainda mais 2 de *lanceiros*, affectos ás V e VII Regiões.

Cada regimento tem 4 esquadrões, normalmente a 3 secções, e um esquadrão de deposito (em quadro), dispondo tambem de uma secção de sapadores (*obreros*). Em cada um dos

1 Os regimentos tem 3 batalhões, mas um destes é *em quadro*, por isso se contam só com 2 batalhões. Exceptuam-se os regimentos das 1.^{as} e 5.^{as} Divisões, reforçadas, que tem os 3 batalhões completos.

regimentos de lanceiros ha 120 *atiradores* armados de carbina.

A cargo da arma de cavalaria estão os *estabelecimentos de remonta* (Ubeda, Córdoba, Ecija e Jaén) onde se criam potros de 2 a 5 anos, distribuindo geralmente pelos corpos, em cada ano, a decima parte do seu efectivo, ou seja 1.000 a 1.500 cavalos e adquirindo em sua substituição igual numero de potros¹; os *depositos de garanhões* (Gerez, Córdoba, Baeza, Leon, Zaragoza, Alcalá) e a *coudelaria militar* de Córdoba com uma sucursal em Jerez especialmente destinada ao fomento da raça arabe. Compete-lhe tambem o recenseamento de animais de requisição, a cargo do pessoal dos *depositos de reserva* a que adiante nos referiremos.

A *artilharia* compreende, na metropole:

11 regimentos *montados* e 3 de *montanha*, divisionarios; 1 regimento a cavalo, affecto á Divisão de cavalaria; e mais 1 regimento *montado* e outro de *sitio*, affectos á I Região; além das tropas de *praça e costa* que fazem parte dos 7 comandos de praça correspondentes ás guarnições de Algeciras, Cadiz, Cartagena, Barcelona, Pamplona, San Sebastian e Ferrol.

Cada regimento *montado* deverá ter 3 grupos: os 2 primeiros a 3 baterias de 4 peças TR., o 3.º, em quadro, a 2 baterias de peças antigas e uma de deposito.

Provisoriamente, porém, ha regimentos com material antigo de varios modelos.

O regimento *a cavalo* tem organização identica á dos *montados*.

Cada regimento *de montanha* compreenderá 4 baterias de 4 peças (Schneider), uma de deposito e uma columna de munições. Provisoriamente, tem composição variavel e material em grande parte antiquado.

O regimento *de sitio* consta de 4 baterias de diferente material, reunidas em 2 grupos, 1 bateria de deposito e uma secção de tracção para atrelar a qualquer das baterias. Serve de base para a mobilização do *trem de sitio* e das baterias de *tiro curvo* de campanha.

¹ Mata e Fornells—*Loc. cit.*—Segundo os mesmos autores, a remonta anual em todas as armas e corpos do exercito atinge 1.500 a 2.000 cabeças ao preço médio de 1.275 pesetas.

A cargo da artilharia está a remonta propria da arma, para o que dispõe da *comissão central de remonta* e do *deposito de garanhões* de Hospitalet; o serviço de recenseamento de animais de tracção e carga, incumbido ao pessoal dos *depositos de reserva*; os diversos *estabelecimentos da industria militar* e os *parques central* (Segovia) e *regionais*.

O *corpo de engenheiros* compreende, na Peninsula, as seguintes tropas:

4 regimentos de *sapadores-mineiros*, a 2 batalhões de 4 companhias e uma de deposito (em quadro);

1 regimento de *telegrafos*, a 6 companhias activas, uma em quadro e uma de deposito; cada companhia com 2 secções electricas e 1 optica, com 8 estações;

1 companhia de *telegrafos* para a rede de Madrid (afecta ao centro electrotecnico, como base da escola de telegrafia militar);

1 regimento de *pontoneiros*, a 4 companhias e uma de deposito, desdobrando-se em 8 companhias no pé de guerra;

1 regimento de *caminhos de ferro*, com 8 companhias activas e 8 de deposito, reunidas estas em grupos de 4;

1 companhia de *aerostação*;

1 secção *ciclista*, destinada ao serviço de comunicações em campanha e manobras;

4 secções *automobilistas*;

1 *brigada topografica*, com 2 companhias.

Os regimentos de *sapadores* affectos ás I e II Regiões tem os seus efectivos dispostos por forma a fornecer, juntamente com o regimento de telegrafos, ás 1.^a e 4.^a Divisões os *grupos* de engenharia que lhes estão destinados, cada um dos quais consta de uma companhia de sapadores, uma secção de radiotelegrafia (3 estações) e outra secção optica (8 estações).

Os regimentos mixtos de Melilla e Ceuta compreendem 9 cargas de material de sapadores e 83 carros de material telegrafico (17 estações).

Alem do regimento de telegrafos da Peninsula, ha, 7 companhias isoladas da mesma especialidade: duas para Baleares e Canarias e três para as redes de Madrid, Ceuta e Melilla.

Dependentes do centro electrotecnico e servidas por tropas de engenharia ha as estações radiotelegraficas de Almeria, Melilla, Ceuta e Barcelona, as automoveis de campanha e a central de Carabanchel que comunica com todas as outras e com a rêde militar de Madrid.

As tropas de aerostação deverão, quando o aumento da força o permitir, constituir as seguintes unidades: companhia de aerostação, companhia de iluminação (projectores), companhia de fortaleza e companhia do deposito ¹.

As secções de ciclistas e de automobilistas dependem do centro electrotecnico.

Das 4 secções automobilistas, a 1.^a é encarregada de experiencias, instrução do pessoal e reparações; a 2.^a dos serviços de transporte de balões e dirigiveis, aviação e iluminação as 3.^a e 4.^a dos serviços proprios das obras, tropas e serviços das praças e territorios de Africa.

A brigada topografica, encarregada do levantamento de plantas de fortificações, campos, praças e fronteiras, e, em geral, de toda a especie de trabalhos topograficos, geodesicos e litograficos, é affecta, em campanha, aos quartéis generais, sob as ordens do comandante geral de engenharia.

Durante a paz, estão a cargo do corpo de engenheiros: todos os serviços de *obras e fortificações militares*; os *parques e depositos* de material de engenharia, abastecidos pelas *officinas de material de Guadalajare* e servindo de base para a organização dos parques de campanha affectos aos exercitos de operações; o *laboratorio* do material de engenheiros; o *centro electrotecnico e de comunicações* (radiografia, automobilismo, ciclismo) e o *serviço de aeronautica militar, pombal central e fotografia*.

Um regulamento para o serviço mixto de artilharia e engenharia determina os serviços que devem desempenhar as duas armas em combinação, e que consistem, em tempo de paz, no artilhamento e municiamenfo das praças de guerra existentes ou a pôr em estado de defeza e nos das escolas practicas. O mesmo regulamento trata da missão dessas tropas nas batalhas, sitios e defeza de praças.

¹ Mata y Fornells - *Loc. cit.* - II pag. 111.

Para os serviços de administração militar existem 11 *comandos* de tropas de intendencia e 4 secções independentes.

Os 8 *comandos* de intendencia da metropole, um por cada Região, teem composição variavel, por forma a darem uma companhia montada a cada divisão de infantaria e á divisão de cavalaria, uma secção montada a cada brigada de cavalaria independente e uma companhia de montanha a cada brigada de caçadores, alem das necessarias secções de praça.

Cada *comando* tem, alem disso, uma companhia de deposito, a cargo da qual estão os reservistas deste serviço residentes na Região respectiva.

Em pé de paz, apenas estão organizadas algumas companhias e secções isoladas, para as necessidades normais do serviço.

As 2 companhias affectas ás divisões reforçadas (1.^a e 4.^a) teem permanentemente a organização do pé de guerra «como base para a mobilização e instrução».

Cada uma destas companhias compreende uma secção de padaria e outra de viveres (4 fornos duplos e 30 viaturas).

O corpo de intendencia tem a seu cargo o *estabelecimento central* (material de aquartelamento e de bivaque) e as Fabricas militares de subsistencias de Peñafior, Saragoça e Valladolid.

O *Corpo de intervenção* exerce a fiscalização e o exame e liquidação de contas, encarregando-se tambem do notariado militar. Dispõe para esses serviços da Intervenção geral (no ministerio), das *insulares* e das *especiais* necessarias para a mobilização, constituídas por interventores e comissarios de guerra.

Em 1912 foram criados os *corpos auxiliares de intendencia e de intervenção* constituídos um e outro por auxiliares de 1.^a, 2.^a e 3.^a classe (equiparados a officiais) e amanuenses.

As tropas de saude (*sanidad militar*) são constituídas por uma *brigada*, da qual existem na Peninsula: 8 companhias a pé, que se fracionam em 14 ambulancias mixtas divisionarias; uma ambulancia montada para a divisão de cavalaria e 3 ambulancias de montanha para as brigadas de caçadores.

Cada companhia é subdividida em *secções*; cada secção isolada subdivide-se em 2 *esquadras*.

A força de cada companhia é muito variavel. Em pé de guerra, aumenta-se a cada secção o pessoal, gado e material

necessarios para a transformarem em 2 secções, uma a pé, outra montada e para constituir uma ambulancia de divisão e duas de brigada¹.

A cargo do corpo de saude, estão os seguintes estabelecimentos: o *Parque de saude militar* (material de curativo, alojamento, transporte e veterinaria para as ambulancias e hospitais militares), o *Instituto de higiene militar* (manipulações, análises, ensino teórico), o *Laboratorio central de medicamentos* (produtos quimicos e medicamentos) e suas sucursais (Barcelona e Malaga), os hospitais (de três classes) e as farmacias militares, e os laboratorios de análises das Regiões.

Fóra da Peninsula, a guarnição mais importante é atualmente a de Melilla, cujo comando geral dispõe de 2 brigadas de infantaria (4 regimentos), 2 regimentos de cavalaria, 1 regimento de artilharia de montanha, 1 regimento mixto de engenharia e 1 companhia de telégrafos, 1 companhia mixta de tropas de saude e a brigada disciplinar, além das tropas de artilharia de praça e de intendencia, das tropas indigenas e ainda da 2.^a brigada de caçadores (6 batalhões) que ali se encontra destacada da II Região da Peninsula a que normalmente é adstricta.

Nas guarnições das Baleares, Canarias, Ceuta e Larache, são empregadas, ao todo, as seguintes tropas: 10 regimentos de infantaria; 11 batalhões de caçadores, tendo anexas, os de Larache, 2 secções de metralhadoras; 2 grupos de metralhadoras; 4 esquadrões independentes e 1 grupo de esquadrões (Larache); 2 grupos de artilharia montada, 1 grupo de montanha (Larache) e 1 regimento mixto (Ceuta); 1 regimento mixto de engenharia e 1 companhia de telégrafos (Ceuta), 1 grupo mixto (Larache); 3 secções de intendencia; 3 secções e 2 companhias mixtas de saude; além de outras tropas de engenharia, de artilharia de praça e de posição (Larache) e de intendencia, anexas ás diferentes capitánias e comandos gerais, e da *milicia voluntaria* de Ceuta e das tropas indigenas do regimento expedicionario de infantaria de marinha que fazem parte da guarnição de Larache.

¹ Mata y Fornells—*Loc. cit.*—II—pag. 127.

O *estado maior general* é constituído por 4 capitães generais, 30 tenentes generais, 60 generais de divisão e 120 de brigada, do quadro activo, em cuja redução actualmente se pensa ¹.

O *corpo do estado maior* recruta os seus officiaes entre os das diversas armas que, tendo frequentado com aproveitamento o curso da Escola Superior de Guerra, sejam considerados os mais aptos para os serviços do Estado maior. Contava em 1914 ²: 35 coroneis, 89 tenentes-coroneis, 108 comandantes e 81 capitães.

Em tempo de guerra, se as circunstancias o exigirem, serão chamados ao serviço do Estado maior, os officiaes das diversas armas que tenham obtido na Escola Superior de Guerra o diploma de aptidão ³.

Forças auxiliares do exercito

Os corpos considerados auxiliares do exercito, classificam-se em 2 grupos: os que são armados permanentemente e aqueles que só o são em certas ocasiões para prestar serviço numa determinada zona.

Pertencem ao 1.º grupo: a *Guardia civil*, os *Carabineros* e os pequenos corpos denominados: *Miqueletes de Guipuzcôa*, *Miñones de Viscaya*, *Miñones de Alava* e *Mozos de esquadra de Barcelona*, falando só dos da Península.

Ao 2.º grupo pertencem os *Somatenes da Catalunha*.

A *Guardia civil*, similar da nossa Guarda Nacional Republicana, compreende forças de infantaria e cavalaria, constituídas em varios *comandos*, que se agrupam em 22 terços, na Península.

A força de cada comando fracciona-se em companhias (1 a 6) e esquadrões (2 ou 3).

O effectivo total da Guarda eleva-se a 19:800 homens e 1:900 cavalos, em numeros redondos.

¹ V. Crónica do exercito espanhol—*Revista Militar* n.º 3 de março ultimo.

² Segundo o *Anuario Militar de España* de 1914.

³ Segundo o mesmo *Anuario* havia 89 officiaes habilitados com o curso da Escola superior de guerra, fóra do corpo do Estado maior.

Em tempo de guerra, prestará o serviço de policia nos quartéis generais e nos estacionamentos.

Os *Carabineros del Reino*, corpo similar da nossa Guarda Fiscal, compreendem forças de infantaria e *carabineros de mar*.

O corpo divide-se em 14 *subinspecciones*, cada uma das quais compreende varios *comandos*. Estes ultimos têm as suas forças distribuidas por 97 companhias de infantaria, 7 de cavalaria e 4 secções montadas.

Em «casos extraordinarios e de grande necessidade» póde determinar-se a concentração dessas forças para guarnecer povoações ou operar com o exercito.

O efectivo do corpo é, em numeros redondos, de 14:000 homens e 500 cavalos.

Os restantes pequenos corpos provinciais, organizados permanentemente e comandados por officiais do exercito, prestam serviço análogo ao da Guarda civil.

Os seus efectivos variam entre 100 a 200 homens.

Finalmente, os *Somatenes de Cataluña*, destinados a assegurar a tranquilidade da região, quando perturbada, constituem um organismo dependente de diversas autoridades e dirigido por officiais do exercito e reformados.

Em caso de guerra, poderão, convenientemente organizados, auxiliar valiosamente as unidades do exercito ¹.

Exercito de reserva

Como já, por incidente, atraz ficou dito, a cada *circunscrição* de recrutamento corresponde um *batalhão de reserva*, em quadro.

Nesses batalhões são inscritos os homens que, tendo baixa do efectivo das unidades activas de infantaria por terem concluido os 8 anos de serviço activo, vão domiciliar-se na área da circunscrição a que pertença o batalhão de reserva, e bem assim os homens em *deposito* na circunscrição que tenham recebido alguma instrução, quando passem á situação de reserva.

Na cavalaria existem 14 *depositos de reserva* e outros tantos na artilharia, distribuidos pelo país (na Peninsula) e compreendendo cada um dêles a área de 2 a 5 provincias.

¹ Mata y Fornells — Loc. cit. — II — pag. 114 a 119.

Em cada um desses *depositos*, que dispõem de um quadro permanente muito reduzido, são inscritos os reservistas da respectiva arma, que constituirão, em caso de mobilização, as unidades de reserva que forem mandadas organizar.

Identica missão têm os *depositos de reserva* de engenharia, que em numero de oito, têm as suas sédes nas capitais das Regiões militares.

A inscrição das reservas dos serviços de intendencia e de saúde, estão respectivamente a cargo das companhias de deposito, que fazem parte dos *comandos* de intendencia, e do estado maior da brigada sanitaria.

Mobilização

Não se achando ainda regulamentada a mobilização do exercito espanhol, apenas podemos indicar as previsões de Mata y Fornells, sobre a sua organização em pé de guerra.

Assim, segundo esses autores, o estado maior de cada Região militar, sob o comando do respectivo capitão-general ou de quem se determine, servirá de base para organizar o quartel general de um *corpo de exercito* juntando-se-lhe, na ocasião da mobilização, o pessoal necessário para o completar.

O quartel general de cada *divisão*, existente no tempo de paz, será tambem completado com o pessoal necessário para o elevar ao pé de guerra.

O numero de batalhões de *infantaria* existente no pé de paz não será alterado no pé de guerra, isto é, cada regimento mobilizará os seus três batalhões, elevando os seus efectivos ao pé de guerra.

As brigadas de *caçadores*, completados os efectivos de guerra das 4 companhias de cada batalhão e atribuindo-se-lhes as necessárias secções de metralhadoras, de telégrafos, administração e saúde «como pequenos nucleos auxiliares dos corpos de exercito, constituirão colunas volantes de exploração e vigilancia nas suas respectivas zonas».

Quanto á *cavalaria*, prevê-se, que um dos três regimentos da brigada de dragões, seja atribuido á 5.^a Divisão que hoje não tem cavalaria propria, elevando os regimentos os seus efectivos a 4 secções por esquadrão. Mobilizada a divisão de cavalaria, restam ainda 8 regimentos (1.^a, 2.^a e 3.^a brigadas e

regimentos n.^{os} 1 e 5 de lanceiros) com os quais se prevê a possibilidade de mobilizar mais duas divisões de cavalaria, embora desprovidas de artilharia a cavalo, visto existir um só regimento desta especialidade.

Os regimentos de *artilharia de campanha* «completarão em pessoal e gado as suas baterias de tiro rapido e organizarão com material moderno as do 3.^o grupo, ficando no total com 9 baterias e cada bateria com 4 peças, 10 carros de secção (munições) e 2 carros de bateria¹».

Cada regimento organizará 3 *colunas de munições*, das quais uma será mixta de artilharia e infantaria.

Das tropas de *sapadores mineiros* prevê-se que sejam atribuídas, em caso de mobilização, duas companhias a cada divisão e mais uma a cada corpo de exercito, o que obrigará a mobilizar as 32 companhias activas e mais as necessárias companhias de deposito.

As companhias do regimento de *pontoneiros* desdobradas no acto da mobilização, produzirão 16 secções que «se distribuirão á razão de uma por cada divisão orgânica, ficando as restantes como reserva».

As 6 companhias de *telegrafos* «repartir-se hão entre as divisões organicas e os corpos de exercito» dando-se a cada divisão duas secções (ótica e electrica).

As unidades de *caminhos de ferro* serão affectas aos quartéis generais do corpo de exercito.

A companhia de *intendencia* de cada divisão mobilizará uma coluna de viveres com 60 viaturas (*furgones*) e uma padaria de campanha com 7 fornos.

A secção de *saúde* de cada divisão organizará uma ambulancia divisionária.

Prevê-se ainda a organização de *parques moveis* de artilharia, de engenharia e de intendencia, e *hospitais moveis e de evacuação*, para os diferentes corpos de exercito, não existindo, porém, ainda todo o material necessário para essas formações;

¹ Mata y Fornells observam a conveniencia que haveria em criar mais 2 regimentos *montados*, para se poder atribuir um a cada divisão, ficando os 3 regimentos *de montanha*, hoje divisionarios, para as 3 brigadas de caçadores. Os regimentos divisionarios deveriam ter 12 baterias e os de montanha 6, faltando para isso (1912) 96 baterias montadas e 6 de montanha.

e «terão de ser constituídos por contrato» os *trens* locais de transporte para os corpos de exercito, por não estar ainda criado o corpo do trem.

Segundo estas hipóteses, poderiam mobilizar-se na Península, em resumo:

- 7 corpos de exercito, a 2 divisões de 2 brigadas;
- 3 brigadas de caçadores;
- 3 divisões de cavalaria independente.

Calculam os citados autores, que o *corpo de exercito* mobilizado nas condições indicadas, teria um efectivo de 35:000 homens, 10:000 cavalos e 1:450 viaturas, dispendo no pé de paz apenas de uns 6:000 homens, 1:900 cavalos e 230 viaturas. E, concluem que: «a comparação destes numeros tão notavelmente distintos, indica a dificuldade de chegar a resultados favoraveis na formação de grandes unidades».

Decretada a mobilização do *exercito activo* os homens que se encontram na situação de licença ilimitada por excederem os efectivos orçamentais e os excedentes dos contingentes incorporados e de instrução, apresentam-se nas unidades a que pertencem, cujos efectivos em pé de guerra se completarão ainda, sendo preciso, com os contingentes instruidos que se encontrem na 2.^a situação activa, inscritos nos 3.^{os} batalhões ou nas unidades de depósito dos respectivos corpos e com os exceptuados do serviço nas fileiras que tenham recebido instrução e se achem inscritos nos depositos das *zonas*, residindo nos pontos mais proximos daqueles que os referidos corpos guardam.

Aprovada em Côrtes a mobilização do *exercito de reserva*, serão chamados, por classes completas e pelos mais antigos os homens que se encontrem nas situações de *reserva*, (9.^a a 14.^a classes) ou de *reserva territorial* (14.^a a 18.^a), constituindo-se em cada Região as unidades de reserva que fôrem determinadas.

Deste exercito apenas está determinada a composição dos 116 batalhões de reserva de infantaria que serão agrupados, no acto da mobilização em 39 meias brigadas.

Para as outras armas prevêem os citados autores, que cada um dos 14 depositos de reserva de cavalaria e de artilharia se transforme em um regimento destas armas, aproveitando o

material existente de antigos modelos, e os 8 depositos de engenharia se convertam em outros tantos batalhões de sapadores-mineiros.

Com estas unidades e os mais elementos que fôrem necessários, poderão organizar-se, na opinião dos mesmos autores, 14 divisões constituídas por 8 batalhões de infantaria, 1 regimento de cavalaria, outro de artilharia, 2 companhias de engenharia e os serviços auxiliares indispensáveis.

Os quadros serão preenchidos com os oficiais das zonas e dos depositos de reserva, das escalas de reserva, retribuída e gratuita e, em ultimo caso, por convite aos oficiais reformados das respectivas armas.

Informam, porém, os autores indicados que «antes de estar constituído o exercito da primeira linha e para evitar confusões e desordens não é provavel que se mobilizem as reservas».

Quanto ao praso necessario para a mobilização do exercito activo, calculam-no Mata y Fornells pela seguinte fórma:

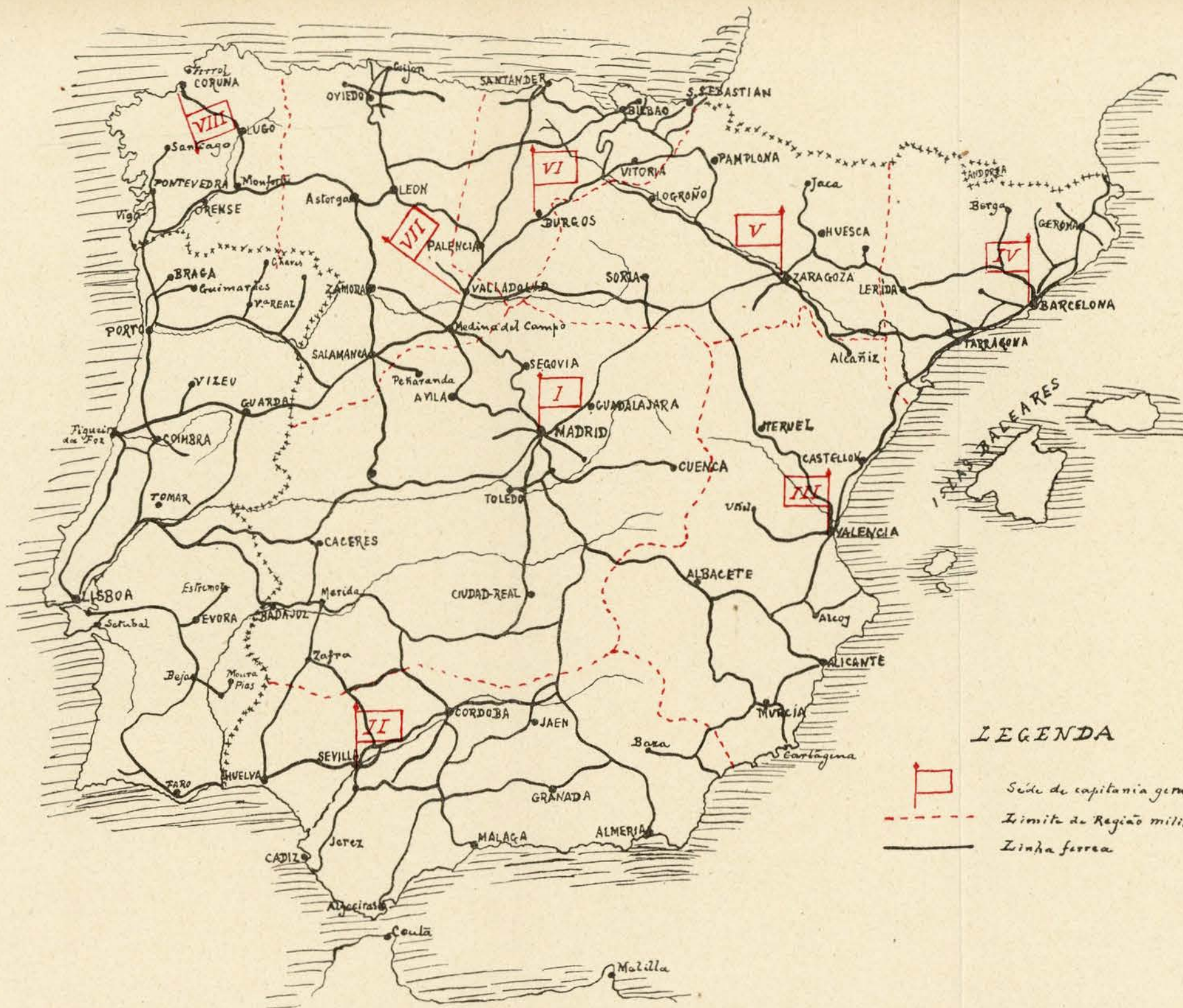
Tempo maximo para a transmissão da ordem de mobilização a todas as cidades, povos e aldeias.	4 dias
Incorporação dos reservistas nas sédes das unidades	7 "
Operações a executar depois da incorporação (fardar, equipar e armar), etc.	4 "
Total.	15 dias

Não entram neste calculo os prazos necesarios para os transportes do animal e material, que não é de crêr possam efectuar-se simultaneamente com os do pessoal, em vista da escassez de comunicações ferro-viarias do país.

Utilizando o exercito espanhol em pé de paz um total de 33:000 animais, de sela, tiro e baste, e sendo importantes, como é sabido, os recursos équinos do país, computarei num minimo de 1 milhão de cavalos ou muares, não terão, certamente, os nossos vizinhos dificuldade em completar, em animal, os effectivos de mobilização das unidades do seu exercito.

Quanto ao material, dizem ainda Mata y Fornells, que o

Divisão territorial militar da Espanha



armamento da infantaria seria obtido imediatamente dos parques e que o material, arreios e bastes necessarios para a artilharia, engenharia e serviços de saude e intendencia serão fornecidos pelos parques e estabelecimentos respectivos, recorrendo, quando preciso, a viaturas de requisição.

Mas, por maiores que possam ser as facilidades em obter o animal e o material precisos, as dificuldades em os transportar para os seus destinos, hão de certamente, constituir o maior embaraço á necessaria rapidez de uma mobilização executada em condições normais.

Abril de 1915.

Luís A. F. MARTINS

Cap.



A SITUAÇÃO MILITAR EM ANGOLA

Sob o título «Sul de Angola» publicou a *Revista Militar* no seu n.º 1 de 1915, um magnifico artigo de E. B., em que se leem verdades como punhos, daquelas que não estamos habituados a lêr, pela falsa noção que parece existir de que basta ocultar a verdade para que ela deixe de o ser. Ora é bem preciso que as verdades se digam, por muito dolorosas que sejam, porque só assim se envidarão esforços para remediar os muitos males que affectam a *desorganização* militar de Angola.

Honra, pois, a E. B., que teve a coragem moral de atacar de frente varios desses males, sem cuidar do que poderiam pensar aqueles que, sem atenderem a coisa alguma daquelas que nunca deveriam esquecer, entendiam que a uma divisão auxiliar se deveriam sacrificar as expedições que se julgou necessario enviar ao ultramar, em defeza dos nossos dominios.

E' ainda para *remar contra a maré* das correntes de opinião que, por vezes, vemos aflorar na imprensa periodica, e só na imprensa diaria, que vimos hoje a publico dizer o que entendemos sobre o problema militar actual de Angola.

Qual era a missão das forças que destacaram para Angola e para Moçambique, sob o comando dos tenentes coroneis Alves Roçadas e Massano de Amorim? «Ainda ninguem o sabe, porque ainda ninguem o disse», lê-se no artigo de E. B.

Qual é a missão actualmente cometida ás importantissimas forças que se encontram em Angola? Creio que a resposta não poderá ser diversa da que acabamos de transcrever: «Ainda ninguem o sabe, porque ainda ninguem o disse». E, todavia, parece-nos que é de imperiosa necessidade fixar o objectivo que o corpo expedicionario deve atingir.

Qual deverá ser esse objectivo?

Aparece-nos na imprensa diaria a indicação do que esses effectivos devem ser, na *opinião publica*, empregados em inva-

dir o Sudoeste Alemão, para vingarmos a afronta que nos foi feita em Naulila. Discordamos e vamos dizer por que discordamos.

Acima de todas as considerações sentimentais, aliás muito respeitáveis, a guerra faz-se hoje em vista de fins praticos e positivos e não para satisfação de sentimentos e de ressentimentos, por muito legitimos, por muito fundados que sejam.

O problema militar actual de Angola, se o considerarmos nas suas relações com o Sudoeste Alemão, tem que ter em atenção o que se passa e o que se pode passar nos campos de batalha da Europa e ainda, quaisquer acordos, naturalmente secretos, que definam taxativamente o nosso papel na fronteira S. de Angola. Se não se dá esta ultima circumstancia, se temos inteira liberdade de acção no Sul de Angola, a nossa opinião, muito desautorizada mas muito sincera e muito arreigada, é de que devemos limitar-nos a guardar a fronteira, e empregar o grosso das forças que, neste momento, existem em Angola, *em occupar Angola*, pondo absolutamente de parte a opinião de alguns sonhadores de que devemos apossar-nos do Sudoeste Alemão.

Creio que não ha dúvidas ácerca da utilidade das colonias; e creio isto apesar de muito do que tenho visto me autorisar a supôr que abunda quem pense que elas teem embaraçado a vida da metropole, como, em tempos o escreveu um ministro da fazenda no relatorio do projecto de lei orçamental.

Deixando, porém, de parte essas opiniões que não me parece que mereçam consideração, as colonias que, para nós, ao que se ouve com mais frequencia que consciencia, são a razão de ser da nossa existencia autonoma, que são, de ha muito, o unico factor que ampara o eterno desequilibrio da nossa balança economica, tem de ser consideradas não como quintas incultas e desprezadas de morgado arruinado, que se jacta da extensão dos seus inuteis e improdutivos dominios, mas pelo que possam valer como mercados consumidores das nossas produções e como centros produtores donde nos vem o ouro — quasi todo — com que prodigiosamente se vem equilibrando a economia e as finanças portuguezas.

Sendo assim, como julgo incontestavel que é, de que nos serviria procurar anexar o Sudoeste Alemão, ainda que o fizéssemos á custa de reduzidos sacrificios, ainda mesmo que o fizéssemos sem sacrificios?

101 Para que o quereríamos? Para mercado consumidor? Mas se nós só com artificios pautais conseguimos manter uma parte dos mercados das nossas colonias, que são sacrificadas — é o termo — aos interesses de uma industria eternamente incipiente, eternamente raquitica e sempre incapaz de, por si só, abastecer os mercados onde a custo se mantem! E que mercado consumidor nos poderá facultar o Sudoeste Alemão, se a sua densidade de população é inferior a 0,35 de habitante por quilometro quadrado?!

Como centro produtor de que nos valeria o Sudoeste alemão? Com uma faixa litoral de 150 qm. de largura, de areia, ao longo dos seus 1.500 qm. de costa maritima, sem agua, sem um unico porto mediocre; com um hinterland em que tem fracassado todas as tentativas agricolas dispondo de grossos capitais e a que não tem faltado pertinaz e competente trabalho; com um clima, em geral pessimo, com variações diarias de temperatura que, em muitos pontos, vão além de 30° e em alguns atingem 40° C., teriamos acaso a louca pretensão de fazer daquilo uma colonia?! Que poderia fornecer-nos a Damaralandia se só na sua parte oriental dispõe de algum capim que nutre o gado, unica riqueza do territorio? Falar-nos hão das suas riquezas mineiras, da região mineira de Otavi; mas é bom saber-se, que tais riquezas, que determinaram a construção da linha ferrea, são de tal modo *abundantes*... que, em um ano de exploração, foram transportados para o litoral 842 quilogramas de *minerio* de cobre.

102 Não! Não carecemos de novos territorios!

○ Como ao morgado sem vintem para cultivar as suas terras abandonadas, sobra-nos o territorio dos nossos dominios ultramarinos, abundam os *baldios* que nem de longe em longe visitamos; sobra-nos o espaço onde poderiamos trabalhar longos seculos sem que nos sentissemos apertados; sobra-nos onde colocar as centenas de milhares de braços que a emigração legal e clandestina nos roubam anualmente para irem enriquecer alheias terras, países estranhos. Tratemos do que temos; lembremo-nos de que temos colonias e de que não precisamos cubiçar aquilo de que lançaram mão os ultimos que procuraram adquiri-las e que tiveram de contentar-se com o que encontraram abandonado, isto é, com o que ninguem quizera.

E nisto se resume o meu pensar. A ninguem, que seja por-

tuguês, é licito ignorar que metade de Angola está por ocupar; áqueles que ali teem servido o seu país não darei novidade alguma dizendo que a outra metade está apenas virtualmente ocupada. E se ninguem contesta estas afirmações — e ninguem ousará contesta-las porque são absolutamente verdadeiras, o objectivo das forças que neste momento se encontram em Angola, o unico objectivo condigno dos sacrificios que, para a sua manutenção, são impostos ao País, consiste na *ocupação de Angola*. E' isto o que ha a fazer já; é isto que deverá fazer-se *já* ou que então *nunca se fará*, porque jamais o País poderá repetir o sacrificio enormissimo que neste momento suporta.

Pode alguém, podem aqueles que se arrogam o direito de falar em nome da *opinião publica*, que não lhes passou procuração, pensar diversamente, deixarem-se arrastar pelo sentimento ou pela paixão; o que não poderão é condemnar esta doutrina em nome da razão, como não teem o direito de impugnar a sinceridade duma opinião, o criterio de quem viu, de quem apalpou a situação militar de Angola, de quem ali tem trabalhado, talvez ininteligentemente, mas devotadamente.

Se assim se proceder, e é esta a ocasião unica para o fazer, resolvido ficará, de uma vez, o problema militar de Angola; e pode sê-lo dentro do praso que ás forças expedicionarias falta para completarem o ano de destacamento a que a lei as abriga, ou excedendo ligeiramente esse praso, como procuraremos mostrar adiante.

* * *

Não dispomos de elementos para ajuizar das causas que determinaram ou concorreram para o desastre que as nossas armas sofreram recentemente no Sul de Angola; mas, ao que ouvimos e lemos, á falta de preparação se deve, principalmente, o triste resultado conhecido.

Nem admira que assim fosse pois que nunca os serviços militares em Angola foram absolutamente tomados a serio e, alguma coisa de aproveitavel que em tais serviços havia na provincia, desapareceu, succumbindo a uma furia anti-militarista cujos resultados não poderiam ser outros.

As operações até ha pouco realizadas para ocupar *pontos* diversos da provincia não teem obedecido, não obedeceram

nunca a um plano de conjunto. Postos dispersos ao acaso das circunstancias de momento, com guarnições ridiculas que nem bastam, na maioria dos casos, para assegurar a propria defeza; linhas de comunicações definidas pela *linha de menor resistencia*; *ligações* inteiramente ausentes a não considerarmos os escoteiros, quando o gentio os deixa transitar; instrução absolutamente nula, consecuencia de variadissimos factores, entre os quais avultam, pela sua importancia, o processo de recrutamento de quadros e a obliteração, infelizmente muito generalizada, da noção do dever; dirigentes, de varias categorias, cuja característica, com honrosas excepções, é a incompetencia manifestando-se sob as mais diversas formas; falta de continuidade de acção, consecuencia ainda do processo de recrutamento de quadros e, sobretudo, da mesquinha remuneração com que, em Angola, se entende retribuir o funcionalismo militar, que parece ser considerado como *parasitario*, porque se desconhecem os serviços que, apesar de tudo, presta e não se avaliam, sequer, os que poderia prestar se fosse seleccionado convenientemente, o que só poderá vir a dar-se quando seja condignamente retribuido; uma verdadeira furia de *adminisiração civil*, confiando a *autoridades*, que em grande parte não tem autoridade alguma, boçais, rudes, algumas quasi analfabetas, quasi todas incompetentes, sob variados aspectos, a administração de territorios vastissimos, a administração da justiça, a policia, a arrecadação de impostos, os serviços de viação e todos os outros, ainda mesmo em regiões onde nunca se exerceu a acção militar, onde o gentio nunca se submeteu, limitando-se a consentir a presença de tais autoridades com a condição de que elas não o incomodem; e, finalmente, para não alongar ainda mais este reduzido sudario, a absoluta falta de *previsão* de quaisquer medidas tendentes ao conhecimento do territorio, dos habitantes, da sua indole, dos agrupamentos demograficos, das vias de comunicação, da topografia, de tudo, enfim, que possa servir para orientar a mais comeseinha operação militar, uma marcha, um estacionamento, a maneira de realizar um reabastecimento.

E isto sucede até em relação ás zonas percorridas em todos os sentidos, de ha muito percorridas e conhecidas... de alguns, porque os conhecimentos por eles adquiridos, ficam *pessoais*, não se fixam, não se compilam, não se acumulam para que *quem vier atraz* os possa aproveitar; é um trabalho sempre em

começo, com interrupções frequentes; com desfalecimentos demorados, sem continuidade nem fim, sem objectivo local nem ligação no espaço ou no tempo, com o que, ao lado, se realiza em idênticas condições.

Querem, os poucos que me lerem, um exemplo frisante do que afirmo? Até o ano de 1911 todos os itinerários conferidos pelo quartel general da provincia se reduziam a esta formula comoda e significativa: «O possível». Só em 1911 se publicaram os primeiros itinerários da provincia, em edição que todos os anos deveria ser refundida e ampliada, correcta e actualizada; pois de então para cá não se fez edição alguma e esqueceu-se mesmo o que aquela ensinava . . .

Existiu no quartel general da provincia uma secção de cartografia; não diremos que ela produziu a decima parte daquilo que deveria produzir, porque, quasi sempre a sua existencia serviu apenas para justificar a permanencia, em Loanda, de mais um individuo a quem não convinha ir para o mato ou para fóra da cidade. O remedio para tal estado de coisas parecia naturalmente indicado, mas não podia ser, nem razoavel nem legalmente, aquele se applicou e que consistiu na supressão da secção de cartografia, distribuindo o material que ela possuia, e, entre ele, *equipagens ligeiras para a construção de itinerários*, á direcção de agrimensura da provincia! E o resultado é que os officiais se acham impossibilitados de construir os itinerários que percorrem por falta de instrumentos topograficos, de forma que todos os conhecimentos topograficos que duma região adquiram, são absolutamente pessoais e se perdem com o termo da comissão ou com a simples transferencia.

A título de economia reduziam-se as despesas militares de Angola, não mantendo nas fileiras os efectivos regulamentares e organicos, e deixando abaixo de toda a proporção os quadros, já de si reduzidos. Foi o inteiro descalabro das unidades militares da provincia! Companhias com um só official, companhias sem um unico official, e, ainda em cima, dispersas por inumeros postos; a relaxação imperando de um extremo a outro da provincia, o abandono criminoso justificado ou explicado pela impossibilidade de manter as coisas em ordem; de instrução nem um arremedo, de disciplina nem uma sombra, em administração o cahos. E tudo isto agravado por uma intoleravel

intervenção directa dos funcionarios da inspecção de finanças nos serviços interiores das unidades, chegando a ponto de *mandar arrancar e desarranchar praças*; por uma usurpação de atribuições da repartição de gabinete que se permitia intervir em nomeações de escala que só ao quartel general competiam; pela intervenção intempestiva da secretaria geral, que se julgou no direito de ordenar medidas militares, contrarias ás determinadas pelo quartel general em materia de deslocação de tropas e de recrutamento; por uma vergonhosa intervenção de considerações extranhas ao bem do serviço publico em materia de colocações explicando, de alguma maneira, o desdem com que esta classe de funcionalismo era olhada pelas demais e pelo publico. Tudo isto são causas materiais e morais da triste situação militar de Angola.

Entre as principais causas da impotencia militar de Angola figura a questão do recrutamento. Já em 1911, salvo erro, em artigo publicado na *Revista*, diziamos que bem mereceria de Angola quem resolvesse o problema do recrutamento de praças indigenas em condições viaveis. Encontramo-nos já em 1915 e, se é certo que alguma coisa se procurou fazer, não é menos certo que o regulamento de recrutamento, publicado em principios de 1914, não melhorará coisa alguma porque não será possivel executa-lo tão cedo.

A primeira condição para que qualquer diploma sobre recrutamento seja viavel é que a sua applicação se faça em territorios *realmente ocupados*; e, como pouco ha disto em Angola, o resultado é que o regulamento a que acima nos referimos não passará de uma aspiração, não sairá do papel para a pratica.

Ora a ocasião é unica para ocupar Angola; e, se tal occupação se fizer, é urgente e será facil recrutar *de uma vez e de qualquer maneira* os efectivos precisos para a guarnição da provincia e substituição dos efectivos expedicionarios, para dar baixa aos dois milhares de praças indigenas que de ha muitos anos concluíram a obrigação legal do tempo de serviço, encaminhando-se assim as coisas para que, logo seguidamente, se faça um

recrutamento que não seja, como até aqui, um alistamento de vadios e serviçais insubmissos e a aplicação do *cordel* e de logros varios aos povos que menos conhecem ainda as manhas de que, em lugar de competencia, temos dado abundantissimas provas.

E não extranhem que digamos que, ocupada a valer qualquer região, aí se deverá recrutar de *qualquer maneira*. Somos inimigos do logro, da falta de lealdade para com o indigena, odiamos as habilidades velhacas e as espertezas saloias, que, muitas vezes se põem em pratica sob o rotulo de politica indigena; mas não odiamos nem desprezamos menos a *pieguice*, que põe de parte os meios que as circunstancias exigem.

Mais de 50 % do efectivo de praças indigenas de Angola, terminou, de ha muito, o tempo de serviço pelo qual foi alistado (cinco anos); abundam os homens com dez, quinze e dezoito anos de praça. Não se tem hesitado em cometer a violencia de manter esses homens nas fileiras, faltando á fé do contracto de alistamento por cinco anos; mas a *pieguice* intervem e obsta a que se recorra á violencia, se fôr necessaria, para recrutar os homens precisos para dar baixa áqueles que a ela tem direito, cujo numero aumenta de dia a dia, pois que os processos *velhacos* de alistamento por logro, de ha muito que faliram e produzem, de dia para dia, resultados mais diminutos.

Havia, desde tempos imemoriais, em Angola, a instituição das 2.^{as} linhas, que fôra remodelada em 1894, pelas chamadas bases Neves Ferreira. Essas bases representavam um estudo completo do assunto, e era tão perfeito esse estudo que os seus resultados eram ainda, e continuariam sendo por larguissimos anos de uma actualidade absoluta. Uma simples portaria provincial de setembro de 1913, se a memoria nos não falha, portaria cuja legitimidade é discutivel, anulou, sem um unico considerando explicativo, ao menos, a preciosa instituição, que, além de muitissimas outras importantes vantagens, tinha a de fornecer recrutas para as tropas de 1.^a linha, constituindo como que depositos de recrutamento. Facil foi exterminar a 2.^a linha e, com ela, fazer desaparecer as unicas possibilidades de um recrutamento mais ou menos regular; a sua reconstituição, porém, só se poderá obter pelo emprego da força e dela só disporemos enquanto em Angola se conservar o corpo expedicionario.

Mais esta consideração, isto é, a de lançar as bases de um processo viável de recrutamento, exige, portanto, a *ocupação* da provincia, ocupação imediata dos distritos de Quanza (Loanda) e Lunda, onde existiam as 2.^{as} linhas.

E, por isso que a conservação do corpo expedicionario em Angola não pode ser indefinida, nem sequer muito prolongada, em razão dos sacrificios pecuniarios que implica e o País não pode suportar; por isso que entendemos que os sacrificios já feitos devem ter como compensação a ocupação real da Provincia, cuja guarnição tem de ser confiada a tropas indigenas, evidente é a necessidade de recrutar de pronto e na quantidade necessaria para manter essa ocupação, substituindo os efectivos europeus, depois de ter dado baixa a todos os que a ela tem direito.

Será, certamente, necessario recorrer, nos primeiros tempos, a tropas extranhas á Provincia, pois que de outro modo a *deserção* se daria em larga escala e nos veriamos, dentro em pouco, a braços com uma situação extremamente difficil; não nos parece que haja difficuldades em permutar contingentes com Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Moçambique. Terminados 3 ou 4 anos deste regime, convencido *peelo facto* o indigena de que a baixa era dada findo o periodo estabelecido, deixaria de ser necessario recorrer a permutas de contingentes e, quando muito, teria de manter-se dentro da provincia apenas a prestação de serviço em distritos diferentes daqueles onde se tivessem recrutado os mancebos.

E' evidente que para ocupar de facto a Provincia de Angola se terão de elevar consideravelmente os efectivos actuais, que são ridiculos. Bastará dizer-se que era ainda ha pouco, inferior a 4.000 o numero de praças indigenas em Angola; isto é, para uma provincia catorze vezes maior que a metropole, o efectivo total é inferior ao da guarda republicana em Portugal.

Certamente, o consideravel aumento de efectivo que é indispensavel, traduzir-se ha em um não menos consideravel aumento de despeza. Não há maneira de colher sem semear, não é possivel valorisar uma charneca sem dispender largos capitais. Mas esse aumento de despeza, que aliás não seria tão grande como pode imaginar-se, seria apenas ficticio, porque nos evitaria dispendios enormes, como o que presentemente se está fazendo, e porque encontraria a sua compensação em receitas directas e, ainda mais, nas indirectas.

Não há, de facto, quem tenha passado por Angola *acordado* que não tenha adquirido a convicção de que um dos maiores embaraços que ali encontra qualquer empresa, reside na falta de braços. Porque os não haja na Provincia? Não; simplesmente porque não podemos dispôr deles, e isto porque a nossa ocupação, onde a há, é, de uma maneira geral, apenas um simulacro.

A agricultura, em que parece consubstanciar-se o futuro de Angola, progrediria desde que pudesse dispôr dos braços que hoje lhe faltam e recebesse os incentivos precisos para empregar as maquinas agricolas, a que o terreno tanto se presta, e os modernos processos de agricultura. Era daqui e do aumento do commercio em geral, que viriam, mais ou menos rapidamente, conforme o melhor ou peor criterio que presidisse á orientação dos multiplos trabalhos a realizar, as receitas que compensariam o aumento das despesas militares da Provincia.

Correríamos o risco de alargar, ainda mais, o quadro deste artigo se descessemos a detalhes sobre a fórmula de evitar que o aumento das despesas militares fôsse excessivo; limitar-nos-hemos a dizer que a experiencia de uma campanha, nos confirmou nas ideias que em tempos expozémos em um estudo de reorganização militar de Angola, que publicámos nesta *Revista*.

Mas, para que qualquer trabalho neste ramo se faça com o indispensavel método, com inabalavel persistencia, é indispensavel que desde o inicio da montagem do sistema, até que todos os atritos hajam desaparecido, não haja substituições da entidade que directamente oriente esses serviços. Com a actual organização, essa entidade é, e será, o chefe do Estado Maior da Provincia; enquanto se lhe remunerarem os serviços como presentemente se faz, continuará acontecendo o que vimos: de 1909 a 1911, conhecemos 4 chefes do estado maior, á razão de 1 por semestre, e, em 1914, em sete meses, conhecemos 3 chefes do estado maior.

Emquanto assim continuar, os serviços não só não se aperfeiçoarão como, pelo contrário, peorarão de dia para dia; enquanto se pagar como presentemente, só ali servirão como chefes do estado maior, aqueles que a isso se encontrarem obrigados por uma comissão que não renovam; as substituições serão constantes, o que nem sempre acontecerá com a competencia para o cargo. Emquanto se pagar a qualquer funcionario civil,

sem atenção a anos de serviço público, nem a habilitações, nem a situação social, vencimentos tais que os vencimentos militares são vexatórios, quando confrontados com aqueles, permaneceremos na sanção do adagio que diz que «o barato sai caro», como se tem visto, se está vendo e se verá. Não vale a pena alongarmo-nos neste ponto, sobejamente conhecido de todos que não tenham passado por Angola a dormir.

A ocupação

Pelas ultimas noticias vindas de Angola e que os jornais têm publicado, sou levado a crêr que as circunstancias impõem, pelo menos em parte, o unico procedimento que se me afigura razoavel quanto ao aproveitamento das forças agora presentes naquela Provincia, isto é, a sua occupação.

De facto, dizem tais noticias que os actos subversivos que se tinham dado, ha cêrca de dois meses, em Pungo N'dongo e Libollo, se generalizaram a todo o novo distrito do Quanza (todo o antigo distrito de Loanda meños a cidade do mesmo nome) e obrigaram já a trazer de Mossamedes para ali, uma das companhias que se destinavam a operar no Sul de Angola. E, não seremos nós que nos surpreenderemos, se novas noticias chegarem, comunicando que foi necessário retirar do Sul mais algumas tropas com o mesmo fim, e outras com fins identicos, ou seja para acudir á Lunda, a Benguela, a Mossamedes e até ao proprio distrito do Congo.

Dava-se, em Loanda, á data da noticia a que acima aludo, precisamente o mesmo que ocorrêra no Congo em 1913, que é mais uma das muitissimas edições do que em Angola se vendo ha muito. Manifesta-se, em qualquer ponto do territorio uma insurreição insignificante, que facilmente seria estrangulada *ab initio*, com três ou quatro duzias de soldados; simplesmente não é possivel dispôr desse efectivo de pronto, e, quando se consegue reuni-lo têm decorrido cêrca de dois meses. Entretanto, a impunidade do acto subversivo inicial deu ao gentio alentos para se considerar forte, a aliciação dos povos visinhos faz-se rapidamente, por suggestão ou por coacção e, quando temos enfim reunido aquele punhado de soldados que teria sido suficiente de começo, reconhece-se que êle é já agora insufi-

ciente, que é preciso quintuplicar ou mesmo decuplicar tal efectivo.

Se fôram grandes as dificuldades para reunir quarenta ou cinquenta soldados, muito maiores são as que se torna necessário remover para reunir duzentos ou trezentos, efectivo que raramente se consegue exceder e difilmente se atinge. Quando isto se consegue, dá-se a estes homens um comando a quem se diz pouco mais ou menos o célebre «debrouillez-vous» de Bazaine; simplesmente, no momento em que se põem em marcha, mais ou menos «à la diable», estes 200 ou 300 pseudo-soldados, a área revoltada é já de algumas dezenas de milhares de quilómetros quadrados.

No caso atual, as coisas simplificar-se-hão naturalmente, pela facilidade de lançar mão das tropas que a impossibilidade de abastecer na fronteira Sul, obrigará a conservar inactivas em Mossamedes, no Lubango, no Huambo ou em Lobito. Para a nossa maneira de vêr o problema militar de Angola, diremos: «ainda bem».

Não é de crêr que a revolta já manifestada em parte do distrito do Quanza se não alastre ao resto do distrito, especialmente aos Dembos, por mais de uma vez percorridos em *passoio militar*, mas nunca ralmente batidos. Não vai, em tal maneira de dizer, a mais ligeira falta de apreço pelo trabalho e qualidades dos que ali se bateram; aquelas palavras traduzem apenas um facto, cuja explicação provavel, se não certa, reside na deficiencia dos meios empregados.

Tambem não acreditamos que, ainda dentro do distrito do Quanza, a Quissama e o Encoge se conservem em socego, e tudo nos leva a crêr que, exceção feita, quando muito, de uma estreitissima faxa ao longo da linha ferrea de Ambaca, em breve, todo o distrito do Quanza estará em armas. Felizmente, que a linha ferrea de Ambaca e o rio Quanza, navegavel até o Dondo, simplificarão muito a grave tarefa dos transportes e reabastecimentos, pelo que diz respeito a operações em Pundo N'dongo, no Libollo e Dembos e na Quissama. Quanto ao Encoge, que de longa data e obstinadamente se *pensa* (e felizmente não se foi além de *pensar*) em bater, partindo de Loanda, a linha natural de invasão é a que partindo do Ambrizette se dirige ao Bembe e d'aí ao posto da Quivoenga; deste posto atinge-se o Encoge em seis horas de marcha, ao passo que partindo de

Loanda a marcha durará não menos de quinze dias. O caminho Ambrizette-Bembe-Quivoenga, região atualmente pacificada, percorre-se facilmente em seis dias; a passagem de tropas pelo caminho Ambrizette-Bembe, ou mesmo por Ambriz-Bembe, exercerá uma grande acção moral, muito favorável á nossa soberania, naquela região; finalmente, facil seria aproveitar a oportuna para tomar «carrossable» o caminho Ambrizette-Bembe, o que tornaria possível a exploração do minerio de cobre do Bembe e dos jazigos de petroleo e goma copal da mesma região, facilitando ainda, em larga escala, o commercio do café em que a região é abundantissima.

Pelas linhas de Ambaca ou Lukala Samba-Cajú á Jinga é natural que a revolta se propague a esta ultima região, norte do distrito da Lunda, tanto mais que, em virtude da recente ocupação do Bangala e do avanço na linha de Mona Quimbundo, aquela região se encontra quasi inteiramente desguarnecida, se quizermos considerá-la como guarnição, meia duzia de postos com efectivos diminutissimos.

E, pois, que os «pombos», do extremo SE do distrito do Congo são «jingas», e ali soffremos, em 1913, um desastre que não foi vingado por carencia de meios, não será de espantar ninguem medianamente conhecedor das coisas militares de Angola, que o facho da revolta de novo ilumine a parte oriental do Congo, além Zadi, como não serão inoportunas as medidas que *desde já* se adotem para evitar que, em tal eventualidade, essa revolta venha a alastrar-se á zona entre o mar e o meridiano de Maquella do Zombo, ha pouco subjugada, depois de uma revolta que levou um ano a debelar.

E aí tendes uma profecia de mau agouro que oxalá se não rialize: «o distrito do Quanza, parte da Lunda, e parte do Congo, *senão todo*, estarão, a breve trecho, revoltados». Quer queiramos, quer não, será forçoso lançar mão de parte dos efectivos que da metrópole têm destacado, para lhes acudir e oxalá que esses efectivos não sejam regateados, porque, se o forem, poderá abafar-se *de momento* a revolta, mas a *ocupação* ainda não se tornará *absolutamente rial* como á nossa soberania é indispensavel que seja. Não nos esqueçamos de que o acto de Berlim, que assinámos, considera licitamente adquiridos por qualquer potencia os territorios que não estejam *rialmente submetidos* a outra potencia.

E' sabido que uma grande parte do distrito da Huilla se manifestou em franca revolta contra nós, após o desastre de Naulila, como nos manifestaria a mais incondicional submissão se outra tivesse sido a sorte das armas; sabido é também que nunca exercemos o mais ligeiro acto de soberania no Cuanhama e ninguém ignora que da insubmissão do Cuanhama, da nossa suposta impotencia para o submetermos resulta, para o exercicio da nossa soberania em toda a Huilla e até em Benguela, pela linha do Cubango até Caconda, uma tal ou qual incapacidade moral, pois que os povos frequentemente raziaados pelos cuanhamas abertamente nos dizem que de nada lhes serve a submissão ao governo, que os não defende daqueles ataques.

Por outro lado ninguém desconhece que o Cuanhama está armado até aos dentes, que o numero de armas que possuem é superior ao numero de habitantes, que uma grande percentagem é de armas *finas*, abundando as Mausers, as Martini, de modelo superior ao distribuido ás tropas da provincia, as Winchester e muitas outras; que dispõem de assombrosa quantidade de munições, parte das quais constantemente carregadas em carros boers; que dispõem, pelo menos, de uma peça Ehrardt T. R. de que, em maio de 1914, conseguiram apoderar-se. No momento que decorre não têm os cuanhamas possibilidade de se remuniarem, e, se neste momento os subjugassemos, de uma vez para sempre ficariam desarmados e reduzidos á impotencia.

E', pois, este o momento de pôrmos termo á lenda da invencibilidade do cuanhama, de cuja submissão resultará a immediata pacificação de toda a Huilla.

Mas não nos esqueçamos de que, ao lado do Cuanhama encontraremos, neste momento, o Cuamato e o Evale e, porventura, o Humbe.

Assim, o que ha a fazer, segundo o nosso modo de vêr, é, em primeiro lugar, subjugar o Cuanhama; mas, para isso, não é preciso, *nem será possível*, empregar os dez mil europeus que presentemente se encontram em Angola; e digo que *não será possível* pela impossibilidade que haverá em sustentá-los e muniçá-los. De momento, o resto da nossa acção na Huilla deverá limitar-se a guardar a linha de Naulila, o Cuangar, o posto A, e o Quando, a cêrca de 15º de latitude S. Da Bunja, Sambio, Diricco e Mucusso não falâmos, porque é mais que provavel que tudo isso tenha desaparecido.

E' com os efectivos que não poderem ser empregados no Cuanhama e na guarda dos pontos forçados que acabamos de indicar, que poderemos contar para a submissão do distrito do Quanza, da Lunda, de parte do Congo e para acudir a qualquer revolta que se manifeste no distrito de Benguela, e, em qualquer caso, para completar a occupação deste distrito.

Que efectivos serão necessários e como deveremos empregá-los? E' o que vamos vêr.

As operações de certa envergadura devem ser realizadas em Africa, mórmente quando sejam levadas a cabo com praças europeias, na época do cacimbo, isto é, no periodo de estiagem e de baixas temperaturas relativas, que se estende desde 15 de maio a 15 de setembro. E' esta consideração que, acima de qualquer outra, nos leva a pensar que se deve procurar actuar com a possível simultaneidade nos pontos e zonas a bater, pois que o periodo do cacimbo não é demasiadamente longo para o que ha a fazer, visto que não basta bater a região, incendiando cubatas e arrasando as lavras. E' necessario montar postos, distribuindo-os criteriosamente, o que só é possível fazer depois de conhecer a região, e este conhecimento terá que ser adquirido agora, pois que nenhuns ha, ou porque nunca tenha havido, ou porque, pelos motivos que atrás expozémos, se tenham perdido. Montados os postos, no mais reduzido numero que for possível, dotando-os com os efectivos e quadros precisos para fornecerem *colunas volantes, em constante movimento*, é indispensavel *tornar impossivel a vida do gentio*, mantendo-o num *álerta* constante, impossibilitando-o de fazer sementeiras para substituir as lavras arrasadas e aquelas de que nos apropriámos, impossibilitando-o de acender fogos para se proteger do frio das noites, pondo-lhe em risco a vida das mulheres e das creanças. Por mais barbaro que isto pareça, a verdade é que só assim o gentio se resolve a entregar-se sem reticencias, a submeter-se a todas as condições. Ora, para tudo isto é preciso tempo e é por isso que julgamos necessario dispôr as coisas para começar a operar logo que terminem as chuvas; caso contrario, optariamos por que as operações fossem iniciadas em julho, época em que os *capins já ardem*, circunstancia que só apreciam devidamente aqueles que conhecem por experiencia

própria quanto o capim nos embaraça e quanto partido o gentio tira dele para nos fusilar á queima-roupa e a salvo.

Não nos repugna, todavia, admitir que as operações ao N da Lunda e SE do Congo, isto é, da Jinga e Pombo, sejam um pouco retardadas, contanto que a Jinga se ache inteiramente na mão no começo de julho, e, quando muito, a invasão do Pombo, definida pela passagem dos rios Cugho, Cualí e Cuango, se efectue até 15 de julho. Indispensavel é, porém, aproveitar até aí o tempo, na constituição de depositos de viveres e de munições nos postos de Canhangué e Matanga, da Lunda, e nos do Cuango, Lutongo e Sosso, do Congo, como indispensavel é que para o rio Cuango siga imediatamente uma lancha a vapor, que, aproveitando a navegabilidade do Cuango e de parte do Cugho e Cualí, facilite transportes e impeça deslocções de população da Jinga para o Pombo e vice-versa. Entretanto, as guarnições de Maquella e Damba, com as avançadas do Sosso e Lutongo e blockhaus do Cuilo e, mais ao Sul, com o posto do M'peto, que já deve estar instalado, deverão impedir, pela acção das suas colunas volantes, que quaisquer pruridos de revolta que se manifestem álem Zadi se venham reflectir a oeste deste rio, como deverão, mais tarde, em pleno período de invasão do Pombo, colocar entre dois fogos o gentio que fuja deante dos nossos soldados que caminharão de E para O, do interior para o litoral.

Não admitimos, porém, as mesmas demoras pelo que diz respeito aos Dembos, a Pungo N'dongo, ao Libollo e Quissama; de resto, é provavel que já neste momento o gentio de Pungo N'dongo e Libollo estejam recebendo o justo premio da sua rebeldia e é intuitivo que não se perderá, que não se deverá perder a oportunidade de submeter a Quissama desde que se esteja no Libollo, tanto mais que o reabastecimento, podendo aproveitar em grande parte a linha ferrea de Ambaca e, melhor ainda, a fluvial, do Quanza, até o Dondo, não oferecerá dificuldades de maior, e que a existencia de forças no Huambo, ou suas proximidades, embora inactivas, capacitarão prontamente o gentio de que lhe é preferivel não adiar a sua submissão. Quero crêr que, no momento em que este estudo vir a publicidade, isto já estará feito, tão evidente me parece que é isto que deve fazer-se.

Os Dembos, ao norte da linha ferrea de Ambaca, em região de terreno extremamente difficil, muito coberto e montanhoso, muito povoados, com um gentio inteligente, artiloso, velhaco e belicoso, regularmente armado, conhecendo muitissimo bem os nossos usos publicos, militares, burocraticos, comerciais, etc.; rindo-se, até o presente, da hipotetica occupação ali realizada, pois que ella é tal que até para ir buscar agua para os postos é necessario empregar escoltas; duas vezes, pelo menos, considerados oficialmente como batidos, quando, com mais razão do que nós, elles consideram os nossos postos como bloqueados; os dembos, diziamos, constituem um adversario merecedor de attenção.

As difficuldades do terreno impõem o emprego exclusivo, ou quasi, de carregadores, desde a linha ferrea; em compensação os postos já ali montados, os caminhos já conhecidos, as informações mais ou menos seguras já recolhidas e a presença, em Angola, de muitos dos officiaes que ali teem servido, facilitarão, por outro lado, a tarefa do commando cujo maior cuidado terá de ser o evitar ser enganado por alguma das *fintas* em que os dembos são ferteis.

Pelo conhecimento da região, que já ha, pelos postos que já ali existem e que podem ser aproveitados como depositos, pela pequena extensão relativa da area, pelos effectivos das colunas que ali teem operado nos ultimos sete annos (a ultima em 1913, salvo erro), pode afirmar-se, sem receio, que 500 espingardas com duas bocas de fogo serão amplamente sufficientes para aniquilar, de uma vez, o lendario poderio dos Dembos. Por minha parte, se fosse possivel incluir naquelle numero, *pelo menos*, 250 soldados indigenas, emprega-los hia de bom grado confiante no serviço deles e reduzindo, quasi a metade, senão ainda a menos, as complicações do abastecimento.

Ao mesmo tempo que se realisar o ataque dos Dembos, deve realisar-se o do Encoge, já pelas afinidades de raça, já pela visinhança, já para impedir deslocações e irradiações dos centros de revolta. Mas, como atraz deixei dito, o ataque ao Encoge deve partir do posto da Quivoenga, na capitania-mór do Bembe, e não de Loanda. O M'bridge e o Lukunga, e as forças que já guarnecem a linha Bembe-Lukunga-Damba, impediriam a propagação da revolta ao Congo.

Partindo da Quivoenga o ataque ao Encoge é exequivel por

uma só companhia de infantaria, acompanhada da peça do posto de Quivoenga, e, se possível fôr, de uma secção de metralhadoras; deste mesmo efectivo uma grande parte seria desnecessária para a ocupação da actual e virtualissima capitania-mór do Encoge, e a parte desnecessária, poderia regressar, pelo Alto Dande, a Loanda, onde convirá manter sempre um certo efectivo de confiança, não seja caso que a unica parcela do territorio do antigo distrito de Loanda, que não passou ao do Quanza, precise tanto de ser mantida na mão como os Dembos ou a Quissama...

Resumindo, vê-se que a pacificação ou, para melhor dizer, a ocupação do distrito do Quanza se pode realizar sem desfalcicar em mais de quatro companhias de infantaria os efectivos destacados em Angola, sendo uma companhia para Pungo N'dongo-Libollo-Quissama, duas para os Dembos e uma para o Encoge.

Vejamos agora o que diz respeito á Jinga e ao Pombo, nos distritos da Lunda e Congo.

Como acima dissémos é partindo do Lucalla, talvez de preferencia a Malange, que deveremos atravessar todo o norte do distrito da Lunda para invadir a parte SE do distrito do Congo; atravessaremos assim a Jinga, cujos povos, submissos quando ali temos forças, se tornam desobedientes logo que as guarnições se reduzem.

A marcha das forças atravez a Jinga, seria um verdadeiro «passeio militar», pois que o Jinga, trabalhador e activo, agricultor e comerciante por excelencia, nem quereria abandonar as suas culturas nem daria oportunidade a que lh'as destruíssemos; para isso, por toda a parte se apresentaria a prestar vassalagem. Claro está que esta atitude não nos impediria de reforçar as guarnições, de montar os postos que fossem necessarios — atendendo a que os postos devem ser sempre considerados exclusivamente como pontos de apoio das colunas volantes — de exigir a prestação de trabalho que fosse necessario ás operações e á abertura de comunicações.

Constituidos os depositos de viveres e munições em Matanga (Tembo Aluma) e Canhangué, e por outro lado, abastecendo pelas linhas Maquilla-Damba e Maquilla-Cuilo-Cuango os do Lutongo e Cuango, policiados os rios Cuango-Cuilo-Cu-

gho-Cuali por meio da lancha a vapor a que atrás aludimos, a tarefa das forças encontrar-se hia em extremo facilitada pela circunstancia de que nunca os abastecimentos necessarios se encontrariam a distancias superiores a 70-80 quilometros.

As três companhias indigenas, recentemente atribuidas ao distrito do Congo seriam mais que amplamente suficientes para esta tarefa; infelizmente, ao que creio, a sua existencia está apenas prevista e nenhuma realidade tem. As operações realizadas, embora com mau exito cujas causas muito conviria apreciar — porque não resultaram da resistencia do gentio —, mostram-nos que duas companhias bastam para reforçar a Jinga, bater e ocupar o Pombô e o Sôssô.

Quanto á parte oriental do distrito da Lunda, resto da Lunda tenebrosa cujas trevas já se acham esbatidas pela missão de estudos da Companhia de Pesquisas Mineiras em Angola, bastaria um batalhão, 1 esquadrão e 1 bateria para a submeter e ocupar.

O trabalho a efectuar em Benguela reduz-se, quasi, ás capitánias dos Luchazes, Cubango e Nana Candundo, regiões confinantes e muito extensas, muito distantes do litoral; todavia, a linha ferrea do Lobito, a rede de comunicações que sobre ella converge, as antigas estradas «carrossables» para carros boers e as modernas, utilizaveis e utilizadas já, por camions automoveis, reduziriam a proporções aceitaveis o recurso a carregadores. O que destas regiões se conhece e o que da indole destes povos se sabe, levam-nos a crêr que, em grande parte, a occupação se faria pacificamente, e seria extremamente facilitada empregando o esquadrão, que atrás atribuimos á Lunda, nas ligações de Mona-Quimbundu para o S, com o Moxico, Dilolo, Nana Candundo.

Carecemos de elementos para fixar os efectivos que a este distrito deveriamos attribuir para alcançar o resultado que indicamos; todavia, é nossa convicção que um batalhão, um esquadrão e uma bateria bastariam para alcançar este resultado.

Concluimos, pois, que com 14 companhias, 2 baterias e 2 esquadrões, occupariamos o que de Angola falta ocupar e vale a pena ocupar, não falando do Cuanhama e da reoccupação do Cuamato e Evale. Quatro mil homens, numeros redondos, desinariamos, assim, a operar fóra do Sul de Angola; para o Sul

ficaria o restante, ou sejam cerca de 6.000 soldados europeus, numero que as operações de 1907 autorisam a considerar como mais que suficiente, efectivo maximo que, talvez, será possivel sustentar além Cunene.

Perguntar-nos hão, talvez, como procederíamos em relação ao Baixo Cubango e ao Quando; responderemos que não lhe mexeríamos por ora. Todo o Baixo Cubango é quasi inteiramente despovoado e o mesmo succede, em parte, nò Quando. Empreguemos utilmente os nossos esforços e os dinheiros publicos que não são tantos que os possamos malbaratar; aproveitemos o enorme sacrificio, de homens e de dinheiro, que as circumstancias impozeram á metropole, para sairmos deste transe com uma Angola nova, prospera, cheia de vida, em condições de retribuir largamente os esforços dos nossos antepassados, dos nossos soldados de hoje e dos vindouros que, em todos os campos da actividade humana, ali vão afirmar bem alto as qualidades, apenas embotadas, de uma raça que pelos seus feitos assombrou o mundo e que, ou despertará do somno letargico em que há seculos se consome, ou desaparecerá lentamente, numa agonia mansa, na cova rasa das coisas inuteis.

Março de 1915.

GÉNIPRO DA CUNHA D'EÇA E ALMEIDA
Cap. d'inf. e do serv. do est. maior

Inglaterra

A saúde no exercito. — Em um documento official recentemente publicado, constam-se os seguintes signatos, relativos ao estado sanitario das forças expedicionarias e do exercito da metropole desde 1 de agosto de 1914.

Tropas expedicio- narias		Tropas expedicio- narias		Tropas expedicio- narias	
Almas	Officiaes	Almas	Officiaes	Almas	Officiaes
41	303	40	625	40	625
22	1.370	1	100	1	100
0	783	2	175	2	175
0	313	2	313	2	313
331	1.508	1.508	1.508	1.508	1.508
30	03	03	03	03	03

CRÓNICA MILITAR

França

Estrangeiros alistados no exercito. — Segundo o *Matin*, desde o primeiro dia da mobilização até 1 de janeiro do corrente ano, alistaram-se no exercito francês 28:266 estrangeiros, das seguintes nacionalidades :

Belgas	1:462
Inglezes	379
Russos.....	3:393
Italianos.....	4:913
Gregos.....	300
Luxemburgueses.....	541
Espanhois	969
Suecos.....	1:467
Austro-ungaros.....	1:369
Alemães.....	1:027
Turcos.....	592
Outras nacionalidades.....	11:854
Total.....	28:266

Inglaterra

A saude no exercito. — Em um documento oficial, recentemente publicado, consignam-se os seguintes algarismos, relativos ao estado sanitario das forças expedicionarias e do exercito da metrópole, desde 1 de agosto de 1914.

	Tropas expedicionarias		Tropas no Reino Unido	
	Atacados	Obitos	Atacados	Obitos
Febre tifoide	625	49	262	47
Colera.....	—	—	—	—
Variola.....	Faltam dados	—	1	—
Escarlatina	196	4	1:379	22
Difteria.....	Faltam dados	—	783	6
Sarampo.....	175	2	1:045	65
Desintria.....	Faltam dados	—	215	1
Pneumonia.....	Idem	—	1:508	351
Meningite.....	Idem	—	62	26

Italia

Curso de geodesia para oficiais e de topografia para sargentos. — Pelo Ministerio da guerra deram-se ordens afim de organizar um curso teórico-prático de geodesia no Instituto geografico militar.

Este curso, durando 12 meses, será frequentado por 15 capitães ou tenentes, tendo os primeiros menos de 4 anos de posto, e os segundos mais de 2 anos.

Estes oficiais serão escolhidos entre os do Estado maior, de artilharia e engenharia, ou entre os de infantaria e cavalaria, que possuam carta de engenheiro ou outros diplomas equivalentes.

Os cursos abrangem dois periodos: o primeiro, de 6 meses de duração, compreende a teoria geodesica scientifica, os métodos logicos de geodesia operativa e os primeiros exercicios do emprego de instrumentos; o segundo, com a mesma duração, é exceccionalmente prático.

O curso de topografia de campanha durará 2 1/2 meses e será frequentado por 12 sargentos de todas as armas, contando, pelo menos, 5 anos de serviço e possuindo uma instrução geral suficiente para poder seguir as lições com proveito.

O concurso compreenderá as operações aritmeticas e o manejo d'aparelhos topograficos.

Os sargentos que tiverem terminado com aproveitamento uma campanha topografica de 4 meses, no final dela, ficarão adidos ao Instituto geografico militar. Receberão uma indemnização diaria de 1,2 a 5 liras.

Medidas militares. — Em virtude da lei vigente sobre o recrutamento do exercito, sancionado pelo decreto de 24 de dezembro de 1911, o serviço obrigatorio nas fileiras dura dois anos para todas as armas e serviços. Em principios de julho de 1914, encontravam-se sob bandeiras, de acordo com a lei, as classes de 1892 e 1893, que junto com os quadros de tropas e os voluntarios formavam o efectivo total de 300:000 homens fixado pelo orçamento para o ano de 1914-1915.

Mas, por causa do movimento subversivo anarquista que teve logar na região compreendida entre Bolonha e Ancona, durante o mês de junho e da ameaça da grêve revolucionaria do pessoal dos caminhos de ferro do estado, o governo decretou em 11 de julho a chamada ás armas da 1.^a categoria da classe de 1891, a qual se efectuou em 15 do mesmo mês. Por esta circumstancia o efectivo do exercito italiano ao declarar-se a guerra europeia, isto é, no 1.^o de agosto, era de 400:000 homens em numeros redondos.

Concurso de aeroplanos militares. — No ultimo concurso militar, o circulo completo compreendia as praças Turin, Milão e Casal.

Do total de aparelhos, só 4 aeroplanos satisfazia ás condições impostas; um dêles percorreu 300^{quill.} em 3 horas e 5 minutos.

Construção de quartéis. — Ha pouco foi aprovado pelas Camaras, um projecto para melhorar o alojamento das tropas, e nêle se faz constar a necessidade imperiosa que ha de construir novos quartéis que ofereçam ás tropas alojamentos mais adequados.

A falta de quartéis vai-se sentindo ha tempos no exercito italiano, pois se utilisavam para alojamento das tropas, antigos conventos e edificios sem condições.

A verba destinada a estas construções, será de 25 milhões de liras.

Japão

Despesas ocasionadas nas ultimas guerras. — Segundo declarações feitas pelo governo japonês no Parlamento, na guerra chino-japonêsa, que durou 283 dias, do 1.º de agosto de 1894 a 1.º de 1895, as despesas com o exercito e marinha foi de mais de 83.875:000 de francos. Os navios de guerra empregados, representavam um total de 62:818 toneladas e as despesas diarias por tonelada regulou por 2,73 francos.

Na guerra russo-japonêsa, que durou 614 dias, ou seja do 1.º de fevereiro de 1904 a 16 de outubro de 1905, as despesas extraordinarias foram de mais de 562.875:000 francos.

Os navios que tomaram parte, representavam um total de 283:196 toneladas; as despesas diarias por tonelada foram de 1,45 francos.

Russia

Construção de caminhos de ferro na Asía. — Assegura-se, que o governo tem ideia de dar grande incremento á construção de caminhos de ferro em territorio asiatico. O programa ferro-viario compreende a construção de um caminho de ferro principal, paralelo ao transiberiano, atravessando territorios de grande importancia para o desenvolvimento do comercio intercontinental.

Tambem se projeta uma boa combinação de rede ferro-viaria, nos países mais além do Caucaso.

Servia

Granadas de mão. — Sabe-se, que as fabricas do Estado se estão ocupando da construção de granadas de mão, sobretudo em Krahneratz.

O modo especial de combater na actual guerra dos Balkans, faz vêr com bastante frequencia o assalto á baioneta, para o que é sabido que as granadas de mão são de grande applicação.

Agora, constroem-se varios modêlos; os mais geralmente em uso, são constituídos por uma caixa carregada de explosivos e com um mecanismo de explosão por percussão.

O seu fabrico é simples e, portanto, calcula-se que 60 operarios podem fazer em 10 horas, 800 a 1:000 granadas de mão.

Suecia

As estações radiotelegraficas nas manobras. — A pedido do ministro da guerra, a sociedade «Telefunken» tomou parte nas manobras, levando duas estações transportaveis de campanha e uma de montanha.

Começaram a funcionar entre as povoações de Harde e Falkoping, distantes 120 quil. e logo se foi aumentando a distancia, estabelecendo comunicações entre o primeiro dos ditos pontos e Gotebary (140 quil.); Harlskrone (150 quil.), e, finalmente, Stockholmo (500 quil.).

Durante as manobras (3 de setembro a 5 de outubro) foram destinadas: a 1.^a companhia ao quartel general, a 2.^a companhia ao estado maior e a de montanha á cavalaria, funcionando as três entre si perfeitamente.

Orçamento de 1914. — Importa em 275 milhões, o que representa um aumento de 12 milhões em relação ao orçamento do ano anterior.

Por este orçamento pertencem ao exercito 55.125:100 corôas, sendo os aumentos em relação aos do ano anterior de 236:000 corôas para soldo dos officiaes, 511:000 para administração militar e 456:000 para remonta.

Para despesas extraordinarias conta-se com 500:000 corôas para aquisição de armamento, 380:000 para artilharia, 100:000 para construção de quartéis, 110:000 para trabalhos de fortificação de Baden, 50:000 para material de engenheiros, 510:000 para aumentar o efectivo das tropas tecnicas, 400:000 para os novos uniformes, 300:000 para aquisição de tendas-abrigos e 875:000 para subvenção das sociedades particulares de tiro.

Turquia

Consumo de munições. — Um dos exemplos mais palpaveis da necessidade que a artilharia tem de uma grande reserva de munições, foi a batalha de Lule Burgas, em que se encontraram os turcos com uma falta de cartuchos nas suas baterias, o que decidiu a batalha, donde se deduz que a rapidez de tiro que hoje se pode alcançar é tão grande, que nenhum serviço de reabastecimento de munições pode assegurar o funcionamento normal do tiro se a artilharia faz fogo sempre sem graduar o tiro.

Pode dizer-se que a batalha de Lule Burgas foi perdida pelos turcos pela falta de munições de artilharia.

Regimentos de artilharia. — Quando a reorganização foi posta em execução, sómente 10 regimentos foram constituídos com 3 grupos, ficando, pela falta de material, os restantes regimentos só com dois grupos.

Os 10 regimentos são os do 1.^o corpo (Constantinópla), do 3.^o corpo (Kirk-Kilisse), do 4.^o corpo (Andrinópla) e um regimento do 2.^o (Redarh).

Restam, pois, 14 regimentos para os outros corpos e divisões independentes da Rumelia (compreendendo a divisão de Smirna) nos quais se ha-de criar o 3.^o grupo.

Esta criação, quando os numeros permitam efectuar importantes compras de cavalos para a artilharia, será feita com o material das ultimas aquisições efectuadas á casa Krupp.

II

PARTE MARITIMA

A GUERRA NO MAR

Perdas ocasionadas pelos submarinos alemães e minas.—Desde o começo do bloqueio, 18 de fevereiro até 24 de março, o almirantado inglês, diz terem sido metidos no fundo 22 navios mercantes, e que as saídas e entradas dos navios de todas as nacionalidades nos portos ingleses foram de 7.401.

7 navios foram metidos no fundo na 1.^a semana, 9 na 2.^a semana, 4 na 3.^a, 8 na 4.^a e 3 na 5.^a

Depois da época acima referida outras perdas tem havido, entre elas a do vapor *Medea*, holandês e do vapor inglês *Vosges* de 1.295 toneladas, metido no fundo ao largo da costa Cornish, por artilharia de um submarino.

Um comunicado oficial de Sebastopol, datado de 4 de abril diz que o cruzador turco *Medjidich* chocou com uma mina perto da costa russa, afundando-se em seguida.

Este cruzador deslocava 3.330 toneladas, tinha entrado em serviço em 1904 e tinha a velocidade de 22 milhas. Era artilhado com 2 peças de 6 polegadas, 8 de 4,7; 6 de 3 pounder e 6 de 1 pounder e 2 tubos lança-torpedos.

Submarinos mais poderosos.—Os novos submarinos alemães são de tipo mais poderoso que os que estão em serviço O *U21* é artilhado com uma ou mais peças. O *U29* que os ingleses meteram no fundo já era barco de grande poder efectivo e o *Captain Evans*, do vapor *Lizzie* diz que foi torpedado por um submarino com o nome *U37* e *U38* é o ultimo de que se conhece a existencia.

O *U29* que tinha sido acabado recentemente, saiu do porto de Wilhelms-haven, no fim de fevereiro e entrou em serviço no Canal até que se perdeu. Estes barcos tem o deslocamento de 850 toneladas e a velocidade de 18 milhas á superficie e 10 milhas mergulhados. Tem uma ou mais peças de 14 pounder e o seu raio de acção está avaliado em 4.000 milhas, de forma que podem estar muito tempo fora dos portos, funcionando independentemente.

MARINHAS MILITARES

Alemanha

A marinha germanica acaba de ser aumentada com quatro importantes contra-torpedeiros, que se estavam construindo para a Argentina, requisitados e comprados á casa Krupp pelo governo imperial.

São as seguintes as suas características principais:

Deslocamento normal, 1.250 ton.;

Deslocamento maximo, 1.450 ton.;

Velocidade maxima, 32 milhas ;
 Armamento ; III peças de $\frac{102^{mm}}{50}$; VIII tubos lança-torpedos de 533^{mm}, ou sejam quatro tubos duplices ;
 Potencia prevista, 30.000 cavallo-eixos ;
 Maquinas propulsoras, turbinas ;
 Combustivel, dotação maxima, 345 ton. de naphtha ;
 Comprimento, 95^m,3 ;
 Boca, 9^m,4 ;
 Calado, 2^m,70.

As caldeirãs são do tipo Schultz ; as turbinas do tipo Germania, possuindo estas unidades dois motores Diesel para a marcha em cruzeiro.

—E' interessante o confronto que publicamos entre as esquadra inglesa e germanica que travaram combate no dia 24 de Janeiro ultimo, perto de Dogger-Bank.

Esquadra alemã (contra-almirante Hipper) :

	Armamento principal
<i>Blucher</i> (1908), 15.800 ton.	VIII peças de 210 ^{mm}
<i>Moltke</i> (1910), 23.000 ton.	X " " 280
<i>Seydlitz</i> (1912), 25.000 ton.	X " " 280
<i>Derfflinger</i> (1913), 26.000 ton.	VIII " " 305

Disponha ainda a esquadra alemã de quatro cruzadores exploradores e duas flotilhas de contra-torpedeiros.

Esquadra inglesa (vice-almirante Beatty) :

	Armamento principal
<i>Indomitable</i> (1907), 17.530 ton.	VIII peças de 305 ^{mm}
<i>Lion</i> (1910), 26.770 ton.	" " " 343
<i>New Zealand</i> (1910), 19.100 ton.	" " " 305
<i>Princess Royal</i> (1911), 26.770 ton.	" " " 343
<i>Tiger</i> (1913), 28.960 ton.	" " " 343

—Disponha mais a esquadra inglesa de alguns cruzadores exploradores e 25 contra-torpedeiros.

—O navio que navegava na cauda da esquadra alemã, o menos veloz, era o *Blucher*, que foi atingido por granadas que provocaram avarias nas maquinas, impossibilitando-o de andar. Foi depois torpedado pelo *Arctusa*, afundando-se.

Parece que o navio-chefe alemão ficou imune, um dos couraçados rapidos foi atingido no costado, e um outro sofreu graves avarias.

Dos quatro cruzadores-exploradores alemães só um foi atingido pelo fogo da artilharia antagonista.

—Em 23 de Dezembro ultimo, um conselho de guerra, em Wilhelmshaven, julgou o comandante e o imediato do cruzador-couraçado *York*, que se

afundou com perto de 300 vidas, por haver chocado com uma mina, quando regressava dum *raid* que tinha realizado a Yarmouth, a 3 de Dezembro.

Eram estes oficiais acusados de desobediencia ás ordens e de negligencia, que ocasionaram esta grave perda.

Estes dois oficiais foram considerados culpados: o comandante foi condenado a um ano de detenção e o imediato a dois.

Austria-Hungria

A nova serie dos quatro couraçados austriacos, a que já nos referimos, e cujo deslocamento é de 24.500 ton., terá o seguinte armamento:

X peças de 355^{mm}, em duas torres triplices e duas duplices; XIV peças de 150^{mm} e XX de 70^{mm}; os tubos lança-torpedos serão de 550^{mm}.

—Sabe-se que o submersivel que torpedou o couraçado *Jean Bart* foi o *U 12*, austriaco, do que se deduz que o numero de submersiveis desta marinha passou de 6, no inicio da guerra, a 12, pelo menos.

Os 6 submersiveis que existiam antes da guerra, podem-se assim descrever:

U 1 e *U 2*, de 230/270 ton. e de 20/7 milhas, do tipo *Lake*, construidos no Arsenal de Pola, cuja eficiencia não é muito satisfatoria;

U 3 e *U 4*, de 240/300 ton. e de 12/9 milhas, do tipo *Germania*, construidos em Kiel;

U 5 e *U 6*, de 236/273 ton. e 11/9,5 milhas, do tipo *Holana*, construidos em Fiume, na casa Whitehead.

O programa naval de Montecuccoli, aprovado em 1911, e que dotou a marinha dos quatro couraçados, tipo *Viribus Unitis*, dos três exploradores, tipo *Saida*, dos oito contra-torpedeiros, tipo *Tatra*, previa ainda 5 submersiveis com o deslocamento de 685/835 toneladas.

Temos ainda a acrescentar mais um submersivel, provavelmente o *U 12*, de 700/1.070 toneladas.

Provavelmente esta unidade foi expedida da Alemanha por partes, em secções, por via terrestre, e armada no Arsenal de Pola.

Estados-Unidos

Uma inovação na marinha americana foi a criação dos graus de almirante e vice-almirante. Como se sabe a marinha americana só possuía o grau de contra-almirante, como posto mais elevado.

Agora passou a haver três almirantes para o comando das três frotas: Pacifico, Atlantico e da Asia; três vice-almirantes para segundos comandantes das referidas frotas.

Estes graus são, porem, provisorios e inerentes aos cargos, voltando de novo ao posto de contra-almirante os oficiais que deixem aqueles cargos.

—O couraçado *Idaho*, em construção nos estaleiros de Camden N. J.—New York Shpbdg Cy, terá caldeiras Babcock & Wilcox, bem como os dois couraçados, tipo *Mississipi*, em construção em Newport News.

— Em 16 de Janeiro foi lançado ao mar em Quincy Mass, nos estaleiros Fore River Shpbdg Cy, o contra-torpedeiro *Cushing*, cujas características são as seguintes:

Deslocamento 1.057 ton., comprimento 93^m,9; com 14 compartimentos estanques transversáveis.

O aparelho-motor consta de duas turbinas Curtis, que acionam dois eixos independentes, em combinação de turbinas de cruzeira de engrenagens.

A capacidade dos tanques para combustível liquido é de 425^m³.

As caldeiras são quatro, do tipo Yarrow Fore River, dispostas em dois compartimentos estanques independentes que funcionam a 18,6 quilos por cm².

— Fizemos referencia no ultimo numero desta revista ao concurso que se abriu para o fornecimento de 4 submersiveis para o Atlantico, 3 submersiveis defensivos para o Pacifico e 1 submersivel ofensivo.

Os 4 submersiveis defensivos para o Atlantico foram adjudicados á casa Lake Torpedo Boat Cº, Bridgeport, Conn., e serão construidos em Bridgeport, ao preço de 405.650\$ (ao par).

Os 3 submersiveis defensivos para o Pacifico foram adjudicados á casa Electric Boat Cº, ao preço de 427.300\$ (ao par).

O submersivel ofensivo foi adjudicado á casa Electric Boat Cº pelo preço de 1:282.500\$ (ao par).

Este submersivel, de deslocamento á superficie de 1.126 ton., terá praticamente um enormissimo raio de acção, que lhe permite acompanhar as esquadras para qualquer parte intervindo no combate em pleno mar.

A velocidade á superficie será de 21 milhas e 11 submerso.

— No Arsenal de New-York estão em provas experimentais, baterias de acumuladores Edison, com o fim de se eliminarem os perigos de sufocação, que derivem dos gazes emanados das actuais baterias ordinarias. As provas preliminares deram resultados satisfatorios, e a tal ponto, que se pretende não só instalar baterias daquele sistema não só nos submersiveis em construção, como até substituir por elas as que se encontram em varios submersiveis em serviço.

O primeiro submersivel que usará o aecumulador Edison será o *L 8*, em construção no Arsenal de Portsmouth.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Espanha

- 1 VERA (D. LUIS GONZÁLEZ) primer teniente. *Ejercicios sobre el plano referentes á la dirección del fuego*. Folheto. Madrid, 1914.
- 2 RUA (D. JOVINO LÓPEZ). *El arte de mandar*. 1 vol.

França

- 1 ROLLE (commandant). *Le Vieux Saumur*. Ouvrage orné d'une vignette en simili-gravure et de 10 planches tirées hors texte en photocollographie, par F. le Gonidec. Impr. Paul Godet, 4, place du Marché-Noir et rue d'Orléans. 16. Saumur. In-8 52 p. 1914
- 2 TANERA (capitaine). *Souvenirs anecdotiques d'un officier d'ordonnance allemand, 1870-1871*, Worth, Beaumont, Sedan, Coulmiers. Traduit par P. Bachelard, lieutenant de réserve de cavalerie. Préface du général Cherfils. In-16, x-345. Berger-Levrault. Paris. 1914 Fr. 3,50
- 3 TOULORGE (colonel breveté). *Le Service d'état major en campagne*. Les Quartiers généraux et les États majors allemands en 1870-1871. In-8, viii-591 p. et croquis. (1^{er} juillet). 1914. Marc Imhaus et René Chapelot. Paris.
- 4 WARREN (capitaine de). *Une campagne au Maroc oriental*. In-8, 32 p. avec une carte et neuf croquis. Berger-Levrault. Paris.
- 5 BAUDOUIN (F.) ancien officier de réserve, juge de paix à Ruffec, maire de Couture. — d'Orgenson. — *Histoire de la guerre. Fascicule n.º 1. Première partie. Attentat de Serajevo. Condamnation de Hausi. Voyage de M. Poincaré pour la Russie. Mobilisation en Autriche. Serbie Russie. L'Autriche déclare la guerre à la Serbie*.
- 6 *Idem*: Fascicule n.º 2. Deuxième partie. *L'Ambassadeur d'Autriche, quitte Paris. La France et l'Angleterre déclarent la guerre à l'Autriche. Bataille d'Hælen. Bataille de Dinant. La Flotte franco-anglaise de la Méditerranée coule le croiseur «Zenta» devant Antivari. La mort du pape Pie X. Les Français reprennent Mulhouse et s'emparent de vingt quatre canons. Les Allemands entrent à Bruxelles et poursuivent leur marche sur Gand. Bataille de Charleroi Charge admirable des turcos*. In-16, 64 p. 1914. Impr. Th. Martin. 24, rue Saint-Symphorien Niort Cent. 25
- 7 *Idem*: Fascicule n.º 3. Troisième partie. *Le Japon déclare la guerre à l'Allemagne. Nouvelle grande bataille entre Maubeuge et Donon. Investissement de Königsberg par les Russes. Capitulation de Longny. Bataille navale anglo-allemande dans la mer du Nord. Destruction de Louvain par les Allemands. L'Autriche déclare la guerre à la Belgique. Bataille de Guise. Combats violents autour de Compiègne. Victoire russe de Lemberg. Le Siège de gouvernement est transféré à Bordeaux. Le Cardinal della Chiesa est nommé pape sous le nom de Benoît XV. Echec allemand aux combats de Montmirail et de la Fère-Champenoise*. In-16. 64 p. 1914. Impr. Th. Martin. 24 rue Saint-Symphorien. Niort Cent. 25
- 8 *Faits de guerre d'après le récit de J. H. blessé à Crévic, le 25 août 1914*. In-8, 8 p. 1914. Impr. Th. Montzeau, Melle. (Deux Sèvres). Aux blessés de l'ambulance de Melle.

Inglaterra

- 1 *Government Publications*:
THE WAR. Roumanian Translation of Correspondence respecting the European Crisis

- MILITARY *Bayonet Fighting Instruction with Service Rifle and Bayonet.*
1015 1d
— *Field Almanac, 1915* 1d
— *Military Engineering, Part 2. Attack and Defence of Fortresses* 9d
— *Training Manual — Signaling, Part 2. Amendments* 1d
ADMIRALTY. *Admiralty Manual of Navigation, 1914* 3/
— *List of Ocean Depths received at the Admiralty during the year 1913* 2/
— *Red Sea and Gulf of Aden Pilot, Supplement No. 2, 1915.*
Gratis to Purchasers of Red Sea and Gulf of Aden Pilot.
2 CARTWRIGHT (J. C.) *The Musketry Instructor.* 16mo, swd. L. U. Gill
net 6d
3 FERRYMAN (A. F. Mockler-) *Regimental War Tales, 1741-1914.* Told
for the Soldiers of the Oxfordshire and Buckinghamshire Light Infan-
try (the old 43rd and 52nd). 12mo, pp. 260. Alden net 2/6
4 FOAKES (G. M.) *The Soldiers' English Russian Conversation Book.* 16mo,
limp. T. W. Laurie net 7d
5 KERNAHAN (Coulson) *The Experiences of a Recruiting Officer.* True
Pictures of Splendid Patriotism. Also «Recruiting Bands», by Douglas
Sladen. 4to, swd., pp. 110. Hodder & S. net 1/
6 MACGILL (Patrick) *The Amateur Army.* Cr. 8vo, pp. 122. H. Jenkins
net 1/
7 MACLEAR (Major H.) *Night-Marching by the Stars.* With Diagrams
and Maps. 32mo, pp. 24. F. Hockliffe. net 1/
8 PLUMON (Eugene) *English-Flemish Military Guide for the Present Cam-
paign* 16mo, swd. Harrison & Sons. net 10d
9 WATKINS (Owen Spencer) *With French in France and Flanders.* Being
the Experiences of a Chaplain attached to a Field Ambulance. Cr.
8vo, pp. 192. C. H. Kelly swd, net 1/; net 2/
10 WEBSTER (F. A. M.) *The Volunteer Training Corps Handbook.* 12mo.
Sidgwick & J. swd., net 6d; net 1/
11 *Large Scale Strategical War Map of Europe, Western Area.* In water-
proof linen pocket case. Royal 8vo. Philip. net 7/6
12 ADCOCK (A. St. John) *In the Firing Line; Stories of the War by Land
and Sea.* («Daily Telegraph» War Books). Cr. 8vo, pp. 192. Hodder
& S. net 1/
13 *Army Drill made Easy. A Handbook on Dismounted Drill for everyone,
with an A B C of the Army.* Written and illustrated by the Staff of
«The Regiment» 12mo, swd., pp. 90. Temple Press net 6d
14 BAILEY (H. C.) *Forty Years After: The Story of the Franco-German
War, 1870.* («Daily Telegraph» War Books). Cr. 8vo, pp. 192. Hodder
& S. net 1/
15 BERNHARDI (F. von) *Cavalry. A Popular Edition of «Cavalry in War
and Peace».* Cr. 8vo, pp. 232. Hodder & S. net 2/6; swd., net 2/
16 BILLINGTON (Mary Frances) *The Red Cross in War; Woman's Part in
the Relief of Suffering* («Daily Telegraph» War Books). Cr. 8vo, pp.
190. Hodder & S. net 1/
17 CURREY (E. Hamilton) *The Man-of-War.* What She Has Done and
What She Is Doing. 8vo, pp. 308. Jack 3/6
18 HODDER (Reginald) *British Regiments at the Front: The Story of their
Battle Honours.* («Daily Telegraph» War Books). Cr. 8vo, pp. 190.
Hodder & S. net 1/
19 KILPATRICK (James A.) *Atkins at War.* As told in his own Letters. Co-
ver design by Sir R. Baden-Powell Cr. 8vo, pp. 126. H. Jenkins net 1/
20 MURRAY (Stewart L.) *The Reality of War.* A companion to Clausewitz.
Popular ed. Cr. 8vo, pp. 224. Hodder & S. swd, net 2/; 2/6
21 RECRUIT Training (Infantry), 1914. *An Aid to All Instructors.* By Two
Officers of the Dorsetshire Regiment. 32mo, swd., pp. 52. Harrison
net 6d

- 22 WHITE (Claude Grahame) and Harper (H.) *The Aeroplane*. Illustrated. 8vo, pp. 292. Jack 3/6
- 23 CONTOURED *War Map of the Seine and Rhine Basins*. Specially prepared for School Use. Size 36in. by 27in. Bacon 7/6
- 24 *How to Use a Rifle or Pistol*. Written and illustrated by the Staff of «The Regiment». 3rd ed., enlarged. 8vo, swd., pp. 89. Temple Press net 6d
- 25 JONES (W.) *Reminiscences of the Franco German War*. 12mo, pp. 96. Peace Society net 6d
- 26 «OUR NAVY»: *A Descriptive Handbook of the Navy*. Illustrated. 8vo, bds., pp. 52. Empire Pub. Co. net 1/
- 27 WALLACE (Edgar) *Heroes All: Gallant Deeds of the War*. Cr. 8vo, pp. 256. Newnes 3/6
- 28 *War Stories of Private Thomas Atkins (The) A Selection of the Best Things in His Personal Letters from the Front, &c.* 8vo, swd., pp. 192. Newnes net 1/

Italia

- 1 CORSELLI (capitano di stato maggiore) *L'ordinamento della Libia*. (Estratti de «La Nuova Rivista di Fanteria». Roma, 1914).
- 2 PUGLIÈSE (capitano) *Il 79° fanteria durante la campagna libica e alla battaglia delle Due Palme*. Verona, 1914.
- 3 BOINE (Giovanni). *Discorsi militari*. Biblioteca militari. N.º 1. 1915. Libreria Salla Voce, 1915. Firenze.

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club militar naval*, n.º de fevereiro de 1915. O valor dos submersiveis na guerra naval. Contra-torpedeiro *Liz*. Distancias ortodromica e loxodromica, calculadas pelas tabuas de Fuss, comparadas com os valores verdadeiros calculados por tabuas rigorosas. Os acontecimentos navais da actual conflagração: Informaçoes sobre o estudo hidrografico a montante de Montijo.
- 2 *O Instituto*, n.º 3 de março de 1915. Documentos pombalinos (1777-1782). Divisibilidade por 7 e por 6. O Fausto de Goethe. Artes e industrias metalicas em Portugal — Relojoaria. Juizes! Memorias de Carnide. Memorias archeologico-historicas do distrito de Bragança.
- 3 *Revista de artilharia*, n.º 129 de março de 1915. A instrução das unidades de artilharia da defesa terrestre de Lisboa. O telimetro Antas para baterias de costa. A guerra europeia — Diario da guerra.
- 4 *Revista de engenharia militar*, n.º 10 e 12 de outubro e dezembro de 1914. Algumas considerações sobre o serviço das obras militares. Regimento de engenharia. Limite do trabalho das armaduras no béton armado. Estudo dos ventos em Portugal. Descrição de uma ponte do sistema Tarron, construida no Poligono de Tancos. Obras do porto de Lourenço Marques — Relatorio respeitante aos trabalhos feitos durante o ano de 1913. Uma observação sobre as vigas encastradas. Uma disposição para iluminação do campo optico da luneta do sextante. Varia.
- 5 *Revista de medicina veterinaria*, n.º 157 de março de 1915. Relatorio da missão veterinaria encarregada do estudo e ataque das epizootias que grassam nos distritos de Benguela e Huila. Algumas palavras sobre peixes, crustaceos e moluscos — Sua inspecção sanitaria. Clinica veterinaria militar.

Argentina

- 1 *Revista militar*, n.ºs 265 e 266 de fevereiro e março de 1915. El servicio militar de un año en el ejercito permanente y la incorporación de cada classe en dos contingentes. Cuestiones de caballeria. Observa-

ción, medios de comunicación, teléfonos, señales, agentes de enlace, orientadores y exploradores, reconocimiento de posiciones. Campeonato del caballo de armas «Tipo granaderos». Los trabajos geodesicos del Instituto geografico militar. Nuevo material ligero de puentes de campaña. La primera batalla de Plewna y nuestro R. E. I. La cooperación de la artillería en el combate. La iniciativa en la guerra. El nuevo R. E. I. brasileiro. Noticias oficiales.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.ºs 3 e 4 de março e abril de 1915. Notas editoriaes. Contabilidade dos serviços do Exercito e Artilharia pesada de campanha e de sitio. Moderna concepção de metralhadora. Serviço de saude em campanha. Observações azimuthaes em astronomia de campo. Pequenas observações.

Chile

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Chile*, n.º de março de 1915. Informaciones sobre la guerra turco-balkanica. Las maniobras militares. Estudio de los caballos argentino, chileno i peruano. La preparacion militar de Alemania. Trabajo de Invierno. Tareas para la instruccion militar de la Compañia. La lei de conscripcion no debe considerarse solamente. Lei de Instruccion Militar sino tambien Lei de Educacion Civica. Las guarniciones de artillaria de montaña en Austria.

Dominicana

- 1 *El Porvenir militar*, n.ºs 20 e 21 de fevereiro e março de 1915. La ultima memoria de guerra e marina. Labor plausible. Reformas militares. En favor del consul D. Justiniano Pequero. La enseñanza militar en las escuelas civiles. La gimnasia en el ejercito. A proposito de la guerra actual. Como se ha hecho el espiritu de un Ejercito. Concurso militar de las Escuelas.

Espanha

- 1 *Boletin de intendencia i intervencion militares*, n.ºs 40 e 41 de março e abril de 1915. El problema de las subsistencias en Alemania. La intervencion en general y la especial de Guerra. Los contingentes de los nobles en el Ejercito español del siglo xvi. Los transportes automóviles en la guerra europea. Nuevos gráficos del Centro tecnico de Intendencia, La intendencia militar. Labores del Establecimiento central de Intendencia en el año. El consumo anual de trigo por habitante en varios paizes. Haberes del ejercito en tiempo de los Reyes catolicos de Cisneros y de Felipe el Hermoso.
- 2 *Estudios militares*, n.º 3 de março de 1915. Orientaciones alrededor de la guerra de hoy. Empleo de la fortificación ligera en la ofensiva. El infante y el terreno. Memoria hecha sobre la base de apuntes tomados durante el curso de 1911 en la Escuela de Tiro de Infanteria. La guerra en los Balkanes (1912-1913): crónica politico-militar. Reglamento tactico de ametralladoras de infanteria (Austria Hungria). Resolución de los problemas tacticos.
- 3 *Información militar del extranjero*, n.º de fevereiro de 1915. Advertencias. Alemania. Austria Hungria, Belgica e Francia.
- 4 *Memorial de artilleria*, n.ºs de março e abril de 1915. Una aclaración. Tiro de la artilleria por encima de tropas proprias. Otra vez por los grandes calibres. Fabricación del latón militar en iugonos y fabricación de la cartucheria de cañon en Turkia. Altura tipo de explosión en el C. Ac Mña. de 7 cm. T. r. modelo 1908. El tanto por ciento de choques. El reconocimiento y las ordenes del jefe de grupo en la artilleria de campaña. Algunas reformas en el Museo de artilleria.
- 5 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.ºs 3 e 4 de março e abril de

1915. Los parques divisionarios de ingenieros. Metodos de enseñanza. El acaplamiento de ejes en los locomotores modernos. Necrologia. Nomograma para el calculo de resistencias en vias ferreas. Tracción termo electrica. Perfeccionamientos recientes en los submarinos. Necrologia.
- 6 *Memorial de infanteria*, n.ºs 39 e 40 de marzo e abril de 1915. Proyecto de reglamento para la instrucción tactica de las tropas de infanteria. Las grandes maniobras inglesas en 1913. Version española de los ejercicios de combate de Litzmann. La anatomia y fisiología humanas y el ejercito. Los exploradores como medio de regeneración. Memoria del curso de 1914 desarrollado en la 3.ª seccion de la Escuela Central de Tiro. La bala P e la bala R. El tiro de artilleria por encima de la Infanteria. Caracteres de los combates actuales. La historia demuestra la necesidad de la defensa de la Isla de Mallorca. Impresiones mograbinas. El nuevo reglamento táctico de infanteria. La geología, ciencia militar. Prevision. Ligeras nociones de integración gráfica. Variedades.
- 7 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.ºs 5 e 8 de 1 e 15 de marzo e 1 e 15 de abril de 1915. La oficialidad combatiente en los ejercitos extranjeros. La obra militar de la Revolución francesa. Los resultados de las batallas. Material para voladuras. Estudio del proyecto de reglamento de maniobras para la infanteria en Austria-Hungria. Estudio geografico militar y naval de España. Obras historicas del capitán Sanz Bolze. Sueldos, recompensas y derechos pasivos. La acción militar y politica de España en Africa á través de los tiempos.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de marzo de 1915. Forza numerica degli Ufficiali dell' Arma di Cavalleria. De un Mese all' Altro. Divagazioni. Per un corpo di cavalleria coloniale. Il combattimento di Dafanschen. L'edizione definitiva del volume II del Regolamento di esercizi per la cavaleria. Annotando «Waterloo (1815)».

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.ºs 3 e 4 de marzo e abril de 1915. Et aar. Besvarelse av tidsskriftets prisopgeve ur. 2 for 1914. De nye engelske hære. Automatisk gevøerer. En Diplomats Indberetninger fra Beleirings høren foran Touriengen i Aaret 1713. El aars vaa benovvelser. Aars beretning fra Kristiania militært tidsskrifts prisopgaver for 1914. Krigens varighet Befalsspersmaalet. Et aars vaabenevelser. De nye engolske hære.

Romania

- 1 *Romania militare*, n.ºs de janeiro e fevereiro de 1915. Cronica. Cum trebuese judecate operatiunile militare din actuabul razboin. Parcri verificate referitoare la principiul «Natiunea armata». Consumarea munitiunilor in razboiul Ruso japonez. Belgia pentru totdeauna independenta. Pentru vùtoarea organizare a armatei noastre. Modificari adure armatei bulgare. Cateva observatiuni asupra unora din regulamentale le noestre. Fortificatia permanenta in fata artileriei de mare calibru.

Uruguay

- 1 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 131 de marzo de 1915. La transmissión del mando. El programa presidencial respecto al ejercito. El programa presidencial y el momento financiero. Las embajadas. La defensa nacional. La bandera nacional. La bandera de Artigas. Para ayudarte en el comando de tu compañía. Bases navales en el Mediterraneo. Ensenanza militar obligatoria. Descuentos indebidos. El militarismo y la politica. «Mutua Militar Uruguay». Los enlaces. Los principios de la guerra.